

***EXTRATOS DAS ALOCUÇÕES DE
PLENILÚNIO 2005-2013***

Índice

1.	<i>A tarefa conjunta.....</i>	3
2.	<i>Abertura interior e exterior</i>	5
3.	<i>Consolidar-nos como Corpo Místico.....</i>	9
4.	<i>A biosfera interior.....</i>	12
5.	<i>Compartilhar os tesouros da Divina Mãe.....</i>	15
6.	<i>Fazer em nós o que queremos para o mundo.....</i>	18
7.	<i>Avaliar o que fazemos para impulsionar nosso desenvolvimento.....</i>	22
8.	<i>Fortalecer nossas bases</i>	24
9.	<i>A pegada que deixamos.....</i>	26
10.	<i>Reservar nossas energias</i>	29
11.	<i>Revitalizar os valores interiores.....</i>	32
12.	<i>Viver sem depender interiormente das circunstâncias.....</i>	35
13.	<i>As Categorias.....</i>	39
14.	<i>Fixação interior, participação, reversibilidade</i>	42
15.	<i>Abnegação e confiança.....</i>	45
16.	<i>Coerência com o anseio de desenvolver-nos</i>	49

*A tarefa conjunta
Primeira Ensino*

Extrato da Alocução de Clausura 2005

A etapa que estamos vivendo hoje no mundo faz particularmente transcendente este momento para Cafh. As profundas transformações nos diversos âmbitos da sociedade e a celeridade com que estão acontecendo trazem emparelhadas implicações, na maioria dos casos, muito difíceis de imaginar. Vemos como estas mudanças complexas que estamos vivendo geram em nós um clima de instabilidade e incerteza. São outros tempos e outras necessidades. É neste meio que temos que continuar a tarefa de Cafh. Digo temos, porque hoje, mais do que nunca, adquire vigência a ideia de reunião de almas. Somos um grupo de seres humanos que, juntos, empreendemos o desafio de desenvolver-nos, de expandir a consciência e de fazer realidade em nossas vidas o que ansiamos para o mundo. Juntos, participativamente, estamos chamados a continuar esta admirável obra espiritual.

Estou convencido de que contamos com o amadurecimento suficiente, como grupo, para empreender a tarefa de aprofundar nossa mística, de cavar fundo na implicação da renúncia em nossas vidas e de compartilhar mais abertamente e sem temores, com a sociedade, a riqueza de nossa mensagem. Para a consecução destas metas necessitamos reforçar e metodizar entre todos um trabalho conjunto. O CGM II já nos abriu o caminho destes objetivos e desta forma de trabalhar.

A tarefa conjunta requer um elevado nível de compromisso com nosso caminho, com nossas ideias, com nossa razão de ser. É nossa responsabilidade preservar e desenvolver o legado que recebemos.

A tarefa conjunta implica aceitação da diversidade. Na reunião de almas de Cafh encontramos não só culturas muito diversas, mas também idades, interesses, modos de pensar diferentes. Esta condição, que desde uma perspectiva pode parecer uma desvantagem, para nós constitui uma grande riqueza, já que nos obriga a responder a cada um de maneira adequada. Aprendamos a escutar as vozes de todos, as inquietudes de todos, as perspectivas de todos. Desta maneira poderemos enriquecer-nos ainda mais, desenvolver nosso potencial e o de nossos companheiros de caminho.

A tarefa conjunta necessita do concurso ativo e combinado de todos os Filhos e Filhas de Cafh. A interdependência e a comunicação fluida tornam os esforços que realizamos sólidos e eficazes, pelo que é mister que todos estejamos envolvidos no empenho por alcançar o que nos propusemos e por não perder de vista o objetivo final que é nossa razão de ser. Coloquemos especial atenção para que no fazer não percamos contato com nossa razão de ser.

Por outro lado, creio que este é um momento propício para estimular a difusão de nossas ideias no mundo. Para isso necessitamos contar com um respaldo reconhecido na sociedade. Necessitamos ser percebidos como uma organização sólida, visível. É aqui que considero indispensável a formação de equipes de trabalho e de consulta que colaborem nesta implementação. Conto com o conselho e a ajuda dos senhores para formar estes grupos já que esta tarefa, que supõe um processo de desenvolvimento, requererá um eficaz trabalho de equipe.

Mais além dos planos que possamos considerar em nossa forma de trabalhar há um tema que para alguns pode parecer muito humano, mas que para mim é profundamente espiritual. Gostaria de compartilhar este tema com os senhores, porque penso que é o que dá qualidade ao trabalho no grupo; refiro-me à amizade.

Reflitamos no significado de ser amigos. Ser amigos pressupõe que estamos unidos por um vínculo que nos relaciona para sempre. Como amigos desenvolvemos um afeto puro e desinteressado em que prevalece o respeito mútuo. Nosso amor não depende das circunstâncias, porque aprendemos a amar-nos pelo que cada um de nós é em si mesmo, sem condições. E mais ainda, nossa amizade se

enriquece por compartilhar uma intensa vida espiritual sustentada por uma comum vocação de desenvolvimento.

Por que faço referência a este tema? Porque gostaria que este fosse o sentimento que sempre prevaleça em nossas relações como companheiros e companheiras de caminho. Gostaria que a amizade não sofresse com as circunstâncias que nos caiba viver. Espera-nos um grande trabalho, fundamental para o crescimento de Cafh. Por isso, creio que a amizade, a força deste amor desinteressado que reveste de importância nossos encontros e desperta a alegria de viver e o entusiasmo no que fazemos, deve acompanhar-nos sempre. Nossa plenitude gera paz e harmonia no entorno, já que a amizade nos une e une a nós com todos os seres.

Abertura interior e exterior

Segunda Ensino

Extrato da Alocução de Abertura 2006

Façamos uma detenção no caminho, para refletirmos juntos sobre o sentido profundo de nossa vocação e sobre a transcendência que nosso compromisso tem de desenvolver-nos integral e harmonicamente, não só para nós mesmos, os Filhos e Filhas de Cafh, mas para todos os seres humanos.

Aproveitemos os espaços que compartilhamos para intercambiar experiências, para falar sobre nossas vivências, sobre o bom, o não tão bom, as dificuldades, os acertos e desacertos, enfim, sobre tudo o que vivenciamos no âmbito do desenvolvimento, das relações, dos novos valores e critérios que fomos descobrindo como resultado de nosso trabalho interior.

Sempre que nos encontramos é uma excelente oportunidade para compartilhar informação, ampliar nossa visão, para em seguida enriquecer com o aprendido as Távolas das quais formamos parte. Convido-os, então, para que forcemos nossos laços de amizade em um âmbito de harmonia, deixando de lado nossas ideias acerca de como devem ser as coisas, para que desvencilhemos o horizonte de juízos de valor que possam separar-nos e a não nos deter em ver quem tem razão ou quem tem mais acertos, senão que empreguemos utilmente este tempo para trabalhar pela Obra de Cafh. Se nos entretivéssemos fixando nossa atenção em aspectos que nos separam, desperdiçaríamos a alcançável oportunidade de conseguir algo proveitoso, bom e útil para todos.

Compartilhemos de forma a criar um ambiente que nos permita trabalhar desenvolvendo a criatividade. Uma oportunidade muito especial nos é oferecida nas Deliberações. O tema, tão central à nossa missão, e a presença de tantos Ordenados e Ordenadas no mesmo lugar e ao mesmo tempo, dão-nos a oportunidade de compartilhar significado e alcançar uma base comum para trabalhar para a Obra de Cafh. Façamos deste momento uma oportunidade para praticar o diálogo, criando um ambiente no qual possamos escutar-nos. Estou certo de que juntos poderemos ver, imaginar, tentar e obter mais do que pudemos realizar até agora e mais do que cada um de nós alcançou separadamente.

Perguntemo-nos para onde vamos em nossa vida como Filhos e Filhas de Cafh.

Talvez, porque todos o sabemos, pareceria simplista responder a esta pergunta dizendo que nosso objetivo é desenvolver a Mística do Coração e, nesse fazer, desenvolver-nos como indivíduos. Entendo que, se bem que essa seja a resposta que todos necessitamos e que devemos aprofundar na Mística do Coração para esclarecer nosso objetivo como Filhos e Filhas e como caminho, o sentido da pergunta seguramente está mais dirigido para como vamos fazê-lo, quer dizer, que propostas temos para promover o desenvolvimento espiritual em nós e no conjunto de todos os seres humanos?

Considero de grande importância afiançar-nos nos princípios básicos de nossa doutrina, estreitar os laços de amizade, fortalecendo os vínculos que nos unem e trabalhar por nossa abertura interior.

Começamos abrindo caminho à confiança em nossas possibilidades de transformar-nos, para crescer no amor. Aprendendo a escutar, dando lugar a outros em nossa mente e em nosso coração. Praticando o esquecimento de si, ao colocar-nos a serviço das almas. A ideia não é somente dar mais, mas dar o necessário para o bem das almas, prioritariamente ao que satisfaz a nós mesmos. Somente descobrimos isto quando nos fazemos sensíveis aos demais, compreendemos suas características e damos credibilidade ao que ensinamos com nosso exemplo, pelos princípios com os quais vivemos.

Façamos de nossos encontros nas reuniões, nas festividades, nas diferentes atividades, um encontro extraordinário. Para que nosso fazer tenha sentido, mostremos que nossa vocação de

desenvolvimento é algo que vamos redescobrimo permanentemente. Façamos de nosso compromisso vocacional nosso principal ponto de interesse. Desenvolvamos o processo místico em cada um de nós. Nossa atitude há de mostrar que não basta eleger uma vez, situar-nos dentro da faixa do caminho. Se bem tenhamos empreendido um projeto de vida, daí em diante temos que aprender a ser fiéis a esta eleição. Cada dia, em cada encruzilhada do caminho, teremos que velar por manter o mesmo rumo, o mesmo objetivo. Caberá a nós afastar pacientemente, todas as vezes que seja necessário, os obstáculos que encontramos e que tiram força do entusiasmo de dar-nos e da criatividade que nos permite renovar-nos cada dia. Teremos que aprender a sondar em nosso interior para encontrar novos modos de trabalhar, novas formas de desenvolver-nos. O que não podemos fazer é deixar que o tempo desgaste o sentido de nossa vocação. Porque é a vocação o que dá sentido a nossas vidas.

Se bem que nossa palavra, o apoiar com fatos pontuais o que dizemos ou as experiências que compartilhamos na ensinança ou na orientação espiritual possam despertar a chama nos corações dos Filhos e Filhas, é nossa conduta coerente e sustida ao longo do tempo o que transmite a força que a transforma em obra. Sem dúvida, nossa obra é dar-nos. Esta é a tarefa na qual temos que colocar nosso maior esforço e dedicação.

Extrato da Alocução de Abertura 2007

Pude observar que a maioria dos Filhos e Filhas sente que é necessário que tenhamos maior presença no mundo, que nosso caminho, com sua identidade própria, saia à luz de maneira mais explícita, que necessitamos abrir-nos para dar o tesouro da ensinança, da meditação, de nosso método de vida. Sinto que isto é muito bom porque indica que temos mais clareza e confiança em nós mesmos e em nossa capacidade para transmitir nossas ideias. Alguns Filhos e Filhas, entretanto, não compartilham totalmente este ponto de vista. Não tenho desconsiderado as inquietudes dos que opinam que não é aconselhável a abertura. Seus comentários me têm servido para pesar cuidadosamente os prós e contras desta ideia.

Considero, entretanto, que as circunstancias históricas que estamos vivendo não nos permitem permanecer como um grupo fechado que não dá informação de suas atividades em forma natural e transparente. A sociedade demanda, nos dias de hoje, abertura em todos os processos.

Respondamos com liberdade a esta abertura. Não permitamos que a ideia que projetamos para fora surja das suposições de outros que substituem a informação que deveria surgir de nós mesmos. Entendo que esta abertura é outro modo de dar continuidade a um processo que começou com Dom Santiago com a criação das categorias, com a fundação de comunidades, com o estabelecimento de instituições, casas de retiro e obras patrocinadas por Cafh, que fizeram evidente sua existência. Este processo o continuou o CGM II ao responder ao chamado que nos fizera Dom Santiago em sua última mensagem, quando nos exorta: *Filhos da Divina Mãe: fazei com que Cafh se expanda sobre a toda a terra!*

Seu labor abriu caminho para que hoje existam grupos de Cafh em vinte países. Na Mensagem de Plenilúnio de 1960, Dom Santiago nos deixa sua visão da expansão de Cafh no mundo, dizendo: “...*Desde seu Raio ensinarão escrevendo na imprensa mundial, refletirão seus conceitos sobre todas as telas cinematográficas, se multiplicarão do mesmo modo como Mensageiros da Ensinança em todos os aparelhos de Televisão*”. Penso que a porta que temos que franquear agora é esta: dar a conhecer a Ideia da Renúncia que sustenta Cafh, de todas as formas que consideramos apropriadas. É por isto que peço a todos, mais além de nossas convicções pessoais, que concentremos nossa atenção e intenção em participar nosso patrimônio que é a Mensagem da Renúncia, para levar sua riqueza a todas as almas.

A busca de aspirantes, um dos deveres que assumimos com nossos votos, há de ir impregnada por uma atitude de participação, de dação: brindar o conhecimento dos bens com que contamos. Nosso propósito não há de ser convencer através de uma atitude proselitista que nos centre na mera ideia de ganhar adeptos. Os Filhos e Filhas formarão parte de Cafh porque despertou neles a chama da vocação, não porque os tenhamos convencido. Para estimular a expansão de Cafh e fazer com que a Mensagem da Renúncia esteja acessível a todas as almas, necessitamos almas comprometidas que estejam dispostas a

dar tudo por esta obra de amor, que sejam movidas pelo fogo interior vocacional que transcenda por muito a necessidade de realizações pessoais. Algumas almas que descubram Cafh nas atividades que já estamos realizando e nas que iniciarão, simplesmente tomarão contato com nossas ideias e saberão que há seres humanos que dão sentido às suas vidas procurando desenvolver-se e colaborar com a expansão da consciência humana. Outras sentirão — assim como nós — o desejo de fazer um trabalho sobre si mesmas e tomando o estandarte da Mensagem da Renúncia, ingressarão em Cafh.

Trabalhem por ambos os grupos.

Dentro desta ideia de abertura, é muito importante que incluamos em nossos planos, na organização das atividades do ano, fortalecer a presença de Cafh na sociedade. Trabalhem em propostas orientadas neste sentido. Procuremos estabelecer em cada país, em cada cidade (de acordo com o número de membros de Cafh), uma sede que nos represente. Se contássemos com espaço para realizar atividades periódicas, regulares, à semelhança de nossas reuniões regulamentares, porém abertas ao público, poderíamos expor o método de desenvolvimento interior de Cafh, ensinando nossas meditações, ditando cursos de ensinança e, por que não, dando apoio espiritual aos que solicitem. Talvez alguns de vocês pensarão que isto é um sonho, uma utopia. Sim, é um sonho, porém não o considero uma utopia. É o sonho de ver crescer o caminho que Dom Santiago fundou, nosso caminho, para levar a Mensagem da Renúncia a todas as almas.

Ajudemos entre todos a fazer realidade este sonho já que estou seguro de que, respaldados com nossa entrega, regados com nossa perseverança e abençoados pela Divina Mãe, faremos desta aspiração uma realidade certa e palpável. Já em alguns países os Filhos e Filhas se mobilizaram neste sentido vendo a possibilidade de adquirir ou de alugar locais para dar um novo impulso à Obra.

Creio oportuno mencionar aqui o fato de que nos últimos anos temos visto aumentar grandemente o número de Ordenados e Ordenadas. Isto significa que contamos com almas dispostas e comprometidas a trabalhar pela expansão e a abertura de Cafh, acompanhando e apoiando o trabalho que atualmente os Filhos e Filhas estão realizando nesse sentido e o que se está projetando agora. Esta tarefa é outra maneira de estar a serviço das almas e da Obra.

Tanto a atenção dos Filhos e Filhas, como a expansão e a abertura de Cafh, requerem um compromisso certo e sistemático. Não deveríamos começar um projeto para abandoná-lo em seguida por falta de continuidade em nossa assistência. É como criar os filhos. Foi nossa a responsabilidade de trazê-los ao mundo, e nossa também é a de acompanhá-los até que desenvolvam suas próprias asas para voar com autonomia e fortaleza. Não podemos sequer imaginar que poderíamos abandoná-los na metade do caminho, porque perdemos o entusiasmo. Assim há de ser a relação com as obras que desenvolvamos, porque também são frutos de nosso compromisso de amor.

Nos encontros, frequentemente me têm perguntado qual é o alcance da abertura de Cafh à sociedade. Vou responder citando as palavras de uma Mensagem: *“Dou-te Filho meu os tesouros de meu coração: reparte-os”*. Quando levemos aos Filhos e Filhas a ideia de abertura, levemos a ideia de que é repartir os tesouros que a Divina Mãe colocou em nossas vidas; é abrir-nos para dar-nos. Abertura é o esforço valoroso e sustido de dar-nos através de compartilhar o fruto da Ensinança de Cafh, é dar nossos recursos interiores enriquecidos pelo exercício continuado de uma vida espiritual, é trabalhar desinteressadamente, de todas as formas que possamos imaginar, pelo desenvolvimento do ser humano a partir de nossa perspectiva, de nossa missão como Filhos e Filhas de Cafh. Para realizar este trabalho necessitamos fazer-nos conscientes da força interior que possuímos para apoiar-nos nela, porque, sem dúvida, é necessário ousadia para assumi-la. São muitos os casos neste mundo em que as boas intenções, por não ir acompanhadas de esforço e perseverança, ficam reduzidas apenas à expressão de um sentimento.

É importante assinalar aqui que, quando falamos de abertura, não falamos de abrir-nos só para fora, é também abrir-nos para dentro. Para mim tem sido maravilhoso observar e participar do fluído intercâmbio de ideias e experiências de um país a outro em grupos de Filhos e Filhas que compõem as distintas comissões de trabalho. Em muitos casos estes Filhos e Filhas não se conhecem pessoalmente;

ainda assim, trabalhando juntos, estão se enriquecendo mutuamente e enriquecendo Cafh. Tenho visto a alegria de muitos Filhos e Filhas que realizaram retiros em países diferentes aos de origem; como, ao compartilhar, têm expandido os pontos de vista de ambos os grupos, têm aberto espaços nas vivências de cada um para albergar a de outros, para encontrar pontos em comum e aceitar o desafio das diferenças. Nesta relação cresce a força da amizade e o companheirismo. O Corpo Místico de Cafh deixa de ser uma figura em nossa imaginação e passa a ser uma realidade tangível e manifesta. Por isso, é importante que estimulemos o intercâmbio que rompe o preconceito de que toda diferença é uma ameaça.

Cada instante está repleto de oportunidades de aprendizagem, para cada um de nós e para os que nos rodeiam. A interação nos enriquece; propiciemos a oportunidade para o intercâmbio de ideias, projetos, inquietudes com aqueles Filhos e Filhas com os que habitualmente não nos relacionamos. Aproveitemos, então, cada encontro plenamente, já que é vital para manter o fermento vocacional que dá vida a Cafh. Unamos nossos caminhos para construir uma calçada tão ampla na qual possamos transitar não só os Filhos e Filhas de Cafh, mas também todos os seres humanos.

Consolidar-nos como Corpo Místico Terceira Ensino

Extrato da Alocução de Encerramento 2006

Dizíamos na Alocução Inicial que, se bem que nossa palavra, o apoiar com fatos pontuais o que dizemos ou as experiências que compartilhamos na ensino ou na orientação espiritual possam despertar a chama nos corações dos Filhos e Filhas e de outras almas, é nossa conduta coerente e sustida ao longo do tempo o que transmite a força que a transforma em obra. Sem dúvida, nossa obra é dar-nos. Esta é a tarefa na qual temos que colocar nosso maior esforço e dedicação.

O que entendemos por “dar-nos”?

Cafh, como Corpo Místico, é um campo de possibilidades que se enriquece e transforma na medida em que participamos de seu potencial, consciente e comprometidamente. Participamos do Corpo Místico, de sua abundância de bens, de seus dons e possibilidades, de acordo com nossa oferenda. Acrescentamos seu caudal individualmente como Filhos e Filhas e como grupo, com nosso próprio desenvolvimento espiritual. Da renúncia e do impulso de nossa oferenda incondicional, depende seu crescimento.

Considero de grande importância que tomemos como ponto central de nossa atenção o consolidar-nos como Corpo Místico. Focalizemos nessa direção todos os nossos esforços. Para que este propósito se concretize em ações, é fundamental que desenvolvamos a convicção de que poderemos alcançá-lo. Sem a força da convicção, é pouco o que poderemos fazer ou transmitir; deste ponto não de partir todos os nossos empreendimentos. O passo seguinte, que não é em tempo senão em objetivo, é converter esta certeza em obra.

Para não desvirtuar a natureza divina do Corpo Místico, que se nutre com a renúncia efetiva de todos os Filhos e Filhas de Cafh, façamo-nos conscientes de nossa responsabilidade individual e de grupo. Quando fortalecemos a oferenda efetiva de nossas vidas, a reunião de almas nos identifica, em qualquer lugar do mundo em que estejamos. O esforço para desenvolver-nos, para fazer da renúncia o sustento de nossas vidas, está sempre entrelaçado com o de todos os Filhos e Filhas. Este sentido de participação e de união imprime a energia necessária que manterá vigente o processo revitalizador que promove o desenvolvimento de Cafh.

Trabalhemos para que, em todos os grupos, os Filhos e Filhas nos sintamos irmanados e contidos por um mesmo Corpo Místico, envolvidos com o ser e o fazer de nossa missão. Desta maneira, realizaremos uma obra que transcende o pessoal para localizar-se dentro do âmbito da humanidade.

Recordemos que nosso compromisso de oferenda há de se expressar em uma atitude de serviço a todas as almas. É esta nossa maneira de promover a Obra de Cafh dentro do Corpo Místico e na sociedade. Ampliemos a gama de possibilidades através de uma ação sinérgica que multiplique o resultado de nossa oferenda e desenvolva o potencial de nosso grupo.

Para que “*nosso estar a serviço*” seja efetivo, aprendamos de nós mesmos, de nossas debilidades e fortalezas, para compreender as debilidades e fortalezas daqueles aos quais temos que orientar espiritualmente e as de nossos companheiros e amigos espirituais que nos acompanham no trabalho que assumimos. Compreender nos torna compassivos e nos abre as portas ao amor. Quando nos conhecemos e reconhecemos no que somos e fazemos, é mais fácil estender-nos a mão quando estamos cansados e mais fácil dar-nos ânimo quando subimos uma encosta. Esta é a amizade valiosa, a amizade que nos fortalece e estimula o desenvolvimento de pontos de contato que nos unem.

Perceber-nos como um organismo vivo nos dará muitas vantagens no fazer e nos fará exercitar-nos no ser. Se nos fechamos como pessoas, como grupo, como Távola, criaremos nosso próprio

mundo, florescente talvez, porém separado e limitado. Abramos as janelas para enriquecer-nos ao descobrir novos horizontes e ultrapassemos o umbral de nossa casa, para ir ao encontro de companheiros de caminho que pensam de maneira diferente, que têm outras tendências, que vivem outras experiências. Assim fortaleceremos o grupo, a Távola, o raio de estabilidade, o Corpo Místico de Cafh e, através dele, o da humanidade.

Dediquemos especial atenção aos seguintes aspectos de nosso fazer: as Visitas, os retiros, as reuniões.

Em relação às Visitas, creio que é um excelente meio que nos permite, tanto que outros Delegados percebam a vida do grupo ou da Távola, como também que os Filhos e Filhas se relacionem com outros Delegados(as) que não sejam os que dirigem essa Távola.

Exploremos novas possibilidades no modo de realizar as Visitas. Apliquemos nossa criatividade para revitalizar, talvez não tanto na forma, mas principalmente no conteúdo, esta atividade que nos permite contatar diretamente os Filhos e Filhas, em um processo dinâmico de intercâmbio de experiências espirituais.

Quando vivemos o momento da Visita com solenidade, transmitimos a importância do cerimonial que nossa missão nos recorda e nosso anseio de desenvolver-nos. Desfrutemos deste tesouro que Dom Santiago nos legou, abrindo-nos ao efeito que esta divisa opera em nossas almas. Sintamos o poder das palavras quando recitamos os Hinos, as orações e os Om correspondentes. Nossa plenitude interior é a principal ensinança que nossa presença deve transluzir. Nosso amor pelo método, pelas ensinanças, o gozo de ir ampliando nossa compreensão da renúncia, há de ser como uma prenda que entreguemos a quem estejamos visitando.

Concedamos o espaço que os Filhos e Filhas necessitam para expressar suas vivências, para esclarecer pontos de vista, para dar e receber em um processo dinâmico de intercâmbio.

Vamos como o que somos: companheiros de caminho que compartilhamos a mesma vocação. Recolhamos cuidadosamente o resultado do trabalho interior das Távolas, dos grupos e de cada Filho ou Filha, individualmente, como valores inestimáveis que se foram enriquecendo em sua passagem da experiência individual para a do grupo, do grupo à da Távola, para logo incrementar o potencial do Corpo Místico de Cafh em sua totalidade. Estejamos prevenidos para não filtrar através de nossos juízos de valor o que recebemos. Tomemos com o mesmo esmero e atenção o agradável e o que à primeira vista não nos parece tão agradável. Ambos os aspectos formam parte da realidade e assim devemos aceitá-los.

Façamos as Visitas abertas à necessidade do momento. Nem todas as Távolas estão vivendo o mesmo momento, nem todos os Filhos e Filhas estão passando pelas mesmas experiências, nem todos os países compartilham as mesmas necessidades, nem todas as culturas participam dos mesmos valores. Temos uma mesma vocação que se expressa com matizes diferentes e recordemos que esta é nossa verdadeira riqueza, a que torna possível o crescimento incessante do Corpo Místico.

Estejamos atentos a que se respeite o marco de referência que nos identifica como Cafh, sem limitar a criatividade que é o que dará dinamismo a nosso caminho. Nossas observações, pontos de vista, sugestões e conselhos não de ser contribuições que enriqueçam os Filhos e Filhas, não um limite que os restrinja. Aprendamos a construir juntos.

Vejam agora os retiros. O Regulamento delinea de um modo geral como podemos organizar nossos retiros espirituais. Aspiremos seu perfume, sua essência e ampliemos o campo de possibilidades. Todos somos conscientes de que existe, nos grupos e nas Távolas, uma variada população em termos de idade, de características e de tendências; que a vida atual corre num ritmo que nem sempre, nem todos, podemos regular; que há quem prefira que nos retiros se contemplem espaços onde haja calma, silêncio, trabalho manual que nos ajuda a concentrar-nos, que nos localiza; que há quem, pelo contrário, prefira realizar tarefas em grupo e aproveitar a força que se

gera para desenvolver um projeto como, por exemplo, incluir cursos para oradores, escrever ensinanças, compartilhar momentos lúdicos que estreitem os laços de amizade. Isto e muito mais é expressão de nossa diversidade. É o que devemos aprender a reconhecer e aceitar para encontrar opções que nos permitam localizar-nos em nosso lugar e, dali, contribuir com nossa plenitude interior, resultado de nosso desenvolvimento efetivo.

O importante é que, ao finalizar o retiro, perguntemo-nos se espiritualmente o aproveitamos, se conseguimos afastar-nos do cotidiano para deixar-nos tomar pelo espírito do retiro, se entre todos conseguimos criar um âmbito propício para deter-nos, refletir, meditar e sair enriquecidos; não porque fizemos mais, senão porque compreendemos e, como consequência, comprometemo-nos a reforçar nosso trabalho interior.

Com respeito às reuniões, não podemos fechar os olhos à realidade que a maioria dos seres humanos vivemos: escassa disponibilidade de tempo que necessitamos distribuir entre nossas múltiplas obrigações e compromissos.

Vivamos as reuniões, respeitando o marco que o Regulamento assinala, como espaços que tornam possível um encontro entre amigos que compartilham uma mesma vocação para tomar fôlego, para aprender de todos, para sentir o apoio de nossos companheiros, para viver e participar do Corpo Místico de Cafh.

Vivamos as reuniões como um ato participativo que toma a força da renúncia individual para depositá-la no caudal comum, de onde nos nutrimos todos os Filhos e Filhas.

Nas reuniões, recebamos agradecidos o dom da Ensinança. Entesouremos em nossa mente o que aprendemos e levemos sua essência em nossos corações para que ilumine nosso discernimento.

Frequentemos as reuniões com a convicção de que abriremos o livro do conhecimento interior e poderemos fazer contato direto com o desconhecido em companhia daqueles que amamos e respeitamos.

Celebremos as reuniões como um ato vivificador, restaurador, de maneira que quando nos despeçamos e a porta se abra para reincorporar-nos a nossos afazeres, possamos impregnar com nossa paz interior a corrente incessante do viver diário.

Como último ponto gostaria de mencionar um aspecto que deveríamos ter sempre presente. Hoje, mais que nunca, os seres humanos nos vemos cheios de informação que nos mostra inumeráveis possibilidades. Esta é uma grande oportunidade e, ao mesmo tempo, uma grande ameaça: por um lado sentimos que praticamente tudo é possível – o que nos anima a enfrentar desafios – e, por outro lado, sentimos que não há limites – o que pode nos levar a perder todo o marco de referência. É como se, contemplando a vastidão do céu, perdêssemos a noção de que cada corpo celeste integra um sistema que o contém dentro de suas leis. É como se tivéssemos que redescobrir a beleza da harmonia que só se consegue pela integração a um todo maior, através da interdependência.

Ajudemo-nos entre todos a fixar nosso marco de referência como Corpo Místico de Cafh. Para isso, comuniquemo-nos e trabalhemos em interdependência, onde ninguém procure prevalecer e a única prioridade seja levar adiante a obra a realizar. Atualizemos nosso sentido de responsabilidade e atuemos conscientes de pertencer a um todo maior. Compartilhemos novos projetos, modalidades e tendências. Trabalhemos concordes, dando valor à amizade e a saber-nos partícipes de um Corpo Místico que dá coesão a nossos esforços.

A biosfera interior *Quarta Ensinança*

Alocução de Encerramento 2007

Nos últimos anos temos tomado consciência dos problemas que afetam a nosso planeta e dos efeitos que nossas ações provocam na biosfera. Como consequência, ecologia e meio ambiente se converteram em palavras habituais na linguagem cotidiana de muitos de nós. Poderíamos dizer que em apenas duas gerações se criou uma consciência global de que é nossa responsabilidade cuidar da Terra, nossa casa, a casa que compartilhamos. Cada vez com maior regularidade, aparecem chamados de alerta sobre o aquecimento global, a camada de ozônio, a poluição do ar e dos rios, exortando-nos a que cuidemos os recursos: o ar, a água, as matas, a terra, as espécies animais.

Temos que estar atentos a todos estes elementos de nosso meio ambiente exterior para amenizar os efeitos negativos que produzimos. Por imenso e complexo que pareça o conjunto de dificuldades que enfrentamos neste campo, cresce dia a dia o interesse e o compromisso para ir encontrando soluções viáveis, imediatas, simples e efetivas. Porém, como membros de Cafh, compreendemos que temos muito mais para abordar, já que não consideramos que assumindo unicamente esta responsabilidade e trabalhando por minimizar o impacto que como seres humanos produzimos no ambiente, termina nossa tarefa. Voltemos nosso olhar para nosso interior. Para poder realizar a mudança que desejamos, é necessário que comecemos por transformar nosso meio interior —nosso mundo— e construir um ambiente harmônico que nos converta em seres humanos integrais. Ali, nesse meio interior, é onde temos que começar a tarefa.

Uma conhecida frase nos diz que cada pessoa é um mundo. E é assim; cada um de nós é um mundo com um modo de viver que nos é próprio e que deriva de nossa condição humana e do tipo de ambiente no qual habitamos. A condição humana conforma um marco dentro do qual nos desenvolvemos. O ambiente em que vivemos, interior e exterior, é a variável sobre a qual podemos incidir para conformar a biosfera espiritual que queremos que nos contenha.

Ao tomar consciência de que, onde quer que estejamos, somos portadores de um meio ambiente interior e que este incide sobre os demais, também tomamos consciência de que temos que protegê-lo e cuidar seu equilíbrio. Vemos que existe uma íntima relação entre nosso organismo, o meio ambiente interior que gestamos e o meio ambiente exterior que habitamos. Compreender —entender e atuar em consequência— nos leva a comprometer-nos com o cuidado dessa biosfera espiritual, vulnerável, sutil, porém fundamental para desenvolver-nos como seres humanos integrais.

Por sermos seres livres e termos a faculdade de eleger, contamos com a capacidade de transformar um deserto em um vale fértil e um vale fértil em um deserto, purificar o ar multiplicando bosques ou fazê-lo irrespirável desmatando; manter as águas claras e cristalinas ou transformá-las em um fedorento lodaçal. Isto mesmo é o que podemos fazer em nosso mundo interior.

Somos depositários de imensos tesouros que temos que cuidar, potencializar e repartir. Perguntemonos quais são os bens que queremos deixar como herança para a humanidade, especialmente, recordemos que existem bens não renováveis por cujo uso temos que responder. O uso do tempo, as energias vitais, o potencial mental e afetivo estão em nossas mãos, sob nosso cuidado para utilizar e dispor. Pensemos no ecossistema constituído por nossos pensamentos. Protejamos esta fonte de vida que é nossa mente.

Ponhamos nossa inteligência a serviço do bem comum, já que entre todos constituímos o corpo da humanidade. Pensemos no ecossistema constituído por nossos sentimentos e aspirações. Protejamos esse meio interior para que albergue sentimentos de amor, de compaixão, de compreensão e amizade.

O estudo da ecologia nos ensina a observar as relações sistêmicas entre os indivíduos e o meio ambiente. Desta maneira, nos ensina sabiamente que, para manter o equilíbrio, é indispensável a

interdependência. Cada parte ocupa o lugar que lhe corresponde e realiza uma função determinada, alcançando assim o equilíbrio do todo maior. Necessitamos dar espaço a esta atitude para que conscientemente unidos cumpramos nossa missão na Grande Obra.

Através de um processo de desenvolvimento da consciência, descobrimos a estreita inter-relação entre todo o existente. Por que, então, na prática atuamos muitas vezes em forma independente? Por um lado, pode ser que tenhamos o poder coercitivo de quem quer impor-se ou submeter-nos. Por outro, pode ser que tenhamos que o viver em função do todo anule nossa individualidade. Compreendamos que não podemos deixar de pertencer ao todo, porque somos parte integrante do todo. O individualismo segrega, porque é contrário à lei da vida que conduz para a integração, para a união. Em nossa ignorância, o que fazemos é negar-nos a pertença ao todo. Na interdependência não há imposição e ninguém deixa de ser o que é, cada um é um indivíduo não repetível, único. Quando se revela aos nossos olhos nossa realidade egoente, deixamos de lado temores e dúvidas, nossos esforços individuais se reforçam e, multiplicados, se transformam em fonte de bem e de adiantamento para a humanidade. A plenitude e harmonia entre os seres humanos se dão como resultado de um processo de amadurecimento espiritual e se manifesta em discernimento, participação e ousadia para empreender a ação necessária.

Quando descobrimos os vínculos que nos unem aos nossos semelhantes, à natureza, ao meio ambiente e a todo o universo, não podemos deixar de viver com um sentido de reverência que impregna toda nossa vida. De maneira natural, aprendemos a respeitar a individualidade de outros, porque respeitamos nossa própria individualidade. Os recursos com que contamos são um dom que recebemos para levar a cabo a finalidade última da vida: a união com a Divina Mãe. O uso sábio e prudente destes recursos gera harmonia e paz em nosso meio ambiente interior e, em consequência, no entorno. A aceitação da interdependência como uma atitude essencial para viver não é uma imposição, senão o resultado de um processo de expansão da consciência.

Contamos com a maravilhosa capacidade de dar-nos conta de nossa existência e do que podemos fazer com ela e dela; demos o passo conseqüente tomando consciência não só de nós para nós mesmos, senão de nós para com tudo o que nos rodeia: a humanidade dentro de sua magnitude cósmica. Isto requer respostas à vida que não dependem tanto das circunstâncias, mas sim das eleições que cada um está disposto a fazer. Ao antepor o interesse do todo ao próprio, descobriremos a via para expandir nosso amor.

Para ser eficazes, nossos atos necessitam ser realizados com interdependência, já que esta atitude não só integra o atuar das partes, senão que também cria valores ao gerar pautas unificadoras, harmonizadoras e orientadoras. Quando trabalhamos em forma individualista ou em um grupo que atua em forma independente do conjunto, estamos desandando o caminho para a integração. Ao escolher atuar de maneira interdependente, em troca, fazemos espontaneamente oferta de nossos logros, até mesmo dos espirituais. O protagonismo, a competitividade e a separatividade se desvanecem, porque nos reconhecemos como partes de um universo maior.

A Renúncia nos ajuda a auto renovar nosso mundo interior, a construir esse templo interior, esse meio ambiente pleno de paz e harmonia, tão necessário para todos os seres humanos.

Necessitamos um sustento forte, firme e duradouro na renúncia para assumir o papel que nos toca como Filhos e Filhas de Cafh para que, desde nosso templo interior, irradiemos a renúncia. Vemos que para uma planta as raízes são essenciais à sua vida. Sem raízes não tem firmeza na terra, não tem como absorver as substâncias que a nutrem, não tem como crescer e desenvolver-se. Da mesma maneira temos que reconhecer que só a atitude de renúncia nos dá segurança, porque dá sentido à nossa existência ao colocar-nos em consonância com a lei da vida. Só quando criam raízes em nossa mente e em nosso coração a ideia e a necessidade amorosa de dar-nos, e essa força nutre todas nossas ações, podemos desenvolver-nos, viver com plenitude e crescer integralmente.

Demos o lugar prioritário que a Renúncia deve ter em nossas vidas. Ao priorizar, definimos a entidade orientadora de nossas ações. Deixamos de ser levados pela maré e o vento, para tomar o

timão e decidir o rumo que desejamos prosseguir. Ao ter claro o que queremos, nos liberamos de conflitos interiores. Quando nos cabe decidir, sabemos para onde mirar, porque contamos com uma luz orientadora.

Aplainemos o caminho para a Renúncia, fazendo de nosso habitat interior um espaço de equilíbrio e paz. Construamos alicerces firmes que nos permitam edificar com confiança o futuro que almejamos para o mundo. Renovemos nossa entrega, nosso amor pelo caminho que dá sentido a nossas vidas. Demos a conhecer sem demora a Mensagem da Renúncia aos Filhos e Filhas desde o primeiro dia, porque Cafh é para as almas que têm vocação de Renúncia. Isto é assim para todos, Patrocinados, Solitários e Ordenados, porque todos estamos chamados à oferenda de nós mesmos. E esta oferenda é para toda a vida, ou seja, como Filhos e Filhas, sempre trabalhamos pelo bem comum. É certo que adequamos a entrega ao que nossa idade, corpo e energias nos permitem realizar. E é certo também que não nos perpetuamos em uma função e damos lugar a outros, preparando aqueles que nos possam substituir. Porém não nos colocamos para trás pensando que já fizemos o suficiente, nem dizemos: *“já dei minha parte, já dei muito”*. A Renúncia implica oferenda de nosso tempo, vitalidade e possibilidades: oferecemos colaboração com o que sabemos, presença nos eventos, proatividade nas tarefas, trabalho interior profundo e comprometido.

Ponhamos nossa vida à disposição dos Mestres respondendo a seu chamado: “Filhos de Cafh, o Caminho da Renúncia é vosso Caminho; é o Caminho que deveis mostrar às almas”. Para realizar este trabalho não temos muito tempo. Recordemos o caráter breve de nossa passagem pelo mundo. Reflitamos sobre a qualidade das pegadas que cada um de nós deixa para trás.

Construamos o templo interior que anelamos e com humildade busquemos nosso caminho para a Divina Mãe, esse caminho que passa pelo coração de todas as almas.

Compartilhar os tesouros da Divina Mãe Quinta Ensino

Extratos da Alocução de Abertura 2008

A abertura de Cafh à sociedade tem nos ajudado a aprofundar nossa vivência da vocação. Tem revalorizado o compromisso que assumimos, mostrando-nos que é a força, o vínculo que nos integra como Corpo Místico e que torna possível a realização da Obra de Cafh. O compromisso é nossa forma de dizer a todos os seres humanos que podem contar conosco porque nos dispusemos a não viver só para nós mesmos. Não deveríamos tomar levemente tudo o que envolve a abertura de Cafh. Tampouco teríamos que ser movidos pelo entusiasmo momentâneo, nem levados pela euforia da expansão. A abertura é uma resposta responsável às necessidades das almas e do desenvolvimento da Obra de Cafh e se apoia em um trabalho abnegado de renúncia de todos os Filhos e Filhas.

Notamos que um dos aspectos positivos de realizar reuniões abertas ao público é que, além de estar disponíveis para quem queira se aprofundar nas ideias de Cafh e no espírito que nos anima, usamos os mesmos recursos que em nossas reuniões e retiros regulares: meditação, ensino, diálogo. Isto nos permite criar o clima apropriado para que, quando as almas quiserem assumir o compromisso do Voto, já estejam familiarizadas com as atividades que ali se desenvolvem.

Considero importante esclarecer aqui que o fato de que estejamos realizando reuniões abertas ao público, onde colocamos nosso caminho à disposição para todos aqueles que queiram conhecê-lo, não significa que descuidemos nossa tarefa de buscar e identificar as almas que potencialmente poderiam integrar o Corpo Místico de Cafh. Uma atividade há de reforçar a outra.

Cafh não busca convencer nem moldar as almas, mas dar-lhes força, inspiração e meios para que trabalhem sobre si mesmas para o bem de todos. A intenção é oferecer-lhes a oportunidade de que conheçam como se pode trabalhar desinteressadamente pelo bem da sociedade, realizando um trabalho sobre si mesmo. É como dizer a elas: aqui está uma fonte de onde emana alimento espiritual. Está à disposição de quem queira trabalhar sobre si mesmo. Somos simplesmente semeadores que vamos pelo mundo semeando ideias. Semeamos aquelas sementes que queremos ver crescer. Se as regamos, fertilizamos e criamos as condições apropriadas para que germinem e se desenvolvam, as almas que se identifiquem com nossas ideias poderão crescer e desenvolver-se no âmbito de Cafh.

Muitas almas que assistem a reuniões abertas ao público se sentem, não só identificadas senão que parte de Cafh, se sentem “de Cafh”. Estamos ante um desafio ao qual devemos responder: Como consideramos e que lugar damos a este grupo de pessoas? Para poder oferecer algo que lhes ajude a desenvolver-se sem impor como condição que emitam um voto, teríamos que proporcionar não só certa regularidade nos cursos e atividades que oferecemos, mas também uma estrutura organizacional que as contenha. Como o implementamos? Usamos as instalações de Cafh e os Filhos e Filhas aplicam energia, o tempo e a boa vontade, porém não contamos com um sistema formal a respeito de quem é responsável por cada elo da cadeia que se forma nesta rede de atividades. Como implementamos isto?

No ano passado mencionei que o que Dom Santiago nos pedia na Mensagem de 1953 quando dizia “*Dou-te, Filho meu, os tesouros de meu coração, reparte-os*”, o sentia como um chamado eloquente a compartilhar a riqueza de nossa ensino e de nosso método. Temos uma mensagem belíssima para dar, mas depende de nós que essa mensagem chegue às almas. Dizer que as ensinações de Cafh são para toda a humanidade, do meu ponto de vista, significa que devemos transmiti-las generosamente a quem esteja disposto a recebê-las, ainda quando não estejam preparados para emitir um voto. Como Filhos e Filhas temos a obrigação de responder às esperanças das almas que necessitam dar um passo no caminho de seu desenvolvimento e que, ao mesmo tempo, querem se sentir parte integrante de um caminho espiritual. A dedicação e o carinho empregados na atenção

esmerada e responsável a estes grupos, exatamente como sucede em nossas Távolas, seguramente fará que estas pessoas ponham os valores espirituais em um primeiro plano e desperte nelas a necessidade de um compromisso maior, que deverá ser atendido em seu momento.

Atualmente somos em torno de seiscentos e oitenta Ordenados e Ordenadas. Poderia parecer que este é um número demasiado elevado em relação ao total de membros de Cafh. No entanto, não vejo este fato como uma debilidade, mas como uma fortaleza, contanto que se maximize, na mesma medida, nossa participação e colaboração na Obra de Cafh. Como Corpo Místico, necessitamos da colaboração, grande ou pequena, de todos e de cada um, já que há lugar e trabalho para todos. Coloquemo-nos à disposição daqueles que organizam as tarefas, para colaborar nas atividades que mais necessitam de apoio.

Nossos Votos significam um compromisso de viver em função de nossa vocação de oferenda, porque a vocação se vive através do compromisso. Sem compromisso não há um processo sistemático de desenvolvimento. Pode haver esforços esporádicos, fruto do entusiasmo ou de um impulso, mas estas são forças temporárias que em algum momento decaem e são incapazes de manter-nos firmes no esforço até o final. Daí a importância e o valor do compromisso baseado na vocação de oferecer-se. Muitas vezes pensamos que o compromisso é com outros, mas é necessário tomar consciência de que fundamentalmente o compromisso de oferecer-nos é com nós mesmos. É descobrir nossa razão de ser, nossa identidade, além dos marcos referenciais que a sociedade nos tenha dado. Oferecer-nos é muito mais que ser desprezados ou ser generosos. É ter uma vida plena por estar toda orientada para a expansão do amor.

Para legitimar o compromisso de oferecer-nos e para poder ser um testemunho da Renúncia, é necessária a coerência. Uma atitude reta, clara, ante todas as circunstâncias da vida não se poderia manter sem a vocação abraçada com todo o ser. Essa nobreza do coração, que nos chama a responder à vontade de oferecer-nos, há de ser nossa força. Vivamos, então, a oferta de vida a partir de nossos Votos de Silêncio, de Fidelidade, de Obediência e de Renúncia, cada um na medida do compromisso que haja assumido.

Renovados, inspirados, fortalecidos e muito unidos na maravilhosa tarefa que temos à frente, vivamos o compromisso de ser mensageiros da ideia da Renúncia.

Extratos da Alocução de Abertura 2012

Nossa missão é estimular em todos os Filhos e Filhas uma profunda vida espiritual, pois é fundamental que cada um realize um trabalho interior metódico e amoroso para alcançar força espiritual e possa assim transmitir às pessoas que participam dessas atividades o fruto do trabalho espiritual interior com base no método de Cafh.

Os apontamentos de ensinanças são um valioso material de apoio, pois nos permitem ter um marco de referência; mas não nos esqueçamos de que a verdadeira ensinança é oral, resultado de nossa vivência dessas ensinanças. A força espiritual que desenvolvemos com a prática do Método de Cafh é o que dá vida às ideias, o que enamora. Definitivamente, é o que diferencia uma ideia a mais de uma que encerra um potencial de desenvolvimento.

Há muitos caminhos espirituais, muitas ideias bonitas e valiosas. A nossa é a Ideia da Renúncia e esta é a que temos que oferecer. Ofereçamos nossa ensinança com a confiança de que ecoará nas almas com vocação de renúncia. Brindemos nossa ensinança com a segurança de quem comprovou sua eficácia em nossa vida e sabemos do que estamos falando.

Se participamos de um retiro ou de uma conferência budista, atendido por membros de uma comunidade monástica, esperamos escutar os ensinamentos do Buda, aprender exercícios espirituais budistas e que nos ensinem a meditação budista. Esperamos encontrar monges ou monjas com a cabeça raspada e vestidos com uma túnica laranja. Sabemos que nos sentaremos no

chão, sobre esteiras. Estamos preparados para escutar cânticos budistas e dispostos a respeitá-los e a aprender com eles.

Se assistimos a um retiro ou a uma conferência de membros de uma comunidade trapense, esperamos escutar as maravilhosas vozes do canto gregoriano, ver e aprender sobre a devoção a Cristo e à Virgem Maria. Sabemos que assistiremos a uma missa, compreendemos que deveremos respeitar o silêncio tão caro para estas almas de oferenda. Isto é, vamos aprender o que estes monges e monjas têm para nos ensinar.

E assim poderíamos continuar dando numerosos exemplos de como cada um, ou cada grupo, ensina o que sabe e pratica.

Da mesma maneira, quem assiste às Atividades de Extensão de Cafh, tais como diálogos, conferências, retiros etc., esperam encontrar o que nos caracteriza: nosso método, nossas ensinanças, nossa meditação, nosso cerimonial. Se não fazemos isto, não estamos respondendo às expectativas dos que querem aprender o que Cafh ensina nem estamos cumprindo com uma das obrigações que assumimos como Filhos: promover a Obra de Cafh. É nossa responsabilidade, então, expor o pensamento de Cafh e não esquecer que a Renúncia é a base da Obra de Cafh.

Por exemplo, é de grande importância que as almas saibam, desde o início, que Cafh oferece uma ensinância, um método e um cerimonial aos que buscam liberar-se interiormente, e convida a que cada um se desenvolva por si mesmo através desses meios. Cafh é um caminho de desenvolvimento espiritual e, como tal, tem um marco que o determina como Cafh. Este marco é sua doutrina. Isto significa que nos guiamos por princípios, por ideias norteadoras próprias de nosso Caminho, as quais refletem nossos ideais espirituais. Temos de ser muito cuidadosos para que, com o intuito de atrair as almas, não descaracterizemos o pensamento ou o Método de Cafh. Não está nas mãos de cada um, de maneira independente e unilateral, nem mudar o método, nem alterar a doutrina, nem modificar o cerimonial. A primeira obrigação que o Regulamento de Cafh estabelece para os Filhos é: *"Observar com fidelidade este Regulamento em seus três componentes: Regulamento, Método e Cerimonial"*. Atenhamo-nos a este compromisso que assumimos.

Fazer em nós o que queremos para o mundo ***Sexta Ensino***

Alocução de Encerramento 2008

Não é pouca coisa dizer, em um mundo como o de hoje, que um grupo numeroso como este possa conviver e tratar de temas de tanta importância para nossas vidas e para a realização de nossos ideais em um ambiente onde a concórdia e a aceitação da diversidade prevaleçam. É bom que tenhamos em conta este fato, porque esta há de ser nossa maneira de responder ao desafio de fazer vida nossos sonhos: fazer em nós o que queremos que ocorra na sociedade.

O trabalho que se está realizando no mundo, tanto no âmbito individual como no de grupos que têm se dedicado a expandir a consciência e o amor, cresce e se multiplica como uma rede de esperança. Por isto considero que, tanto o momento histórico que estamos vivendo na humanidade como em Cafh nos chama a explicitar, com maior precisão e através de nossas vidas, a missão que assumimos como Filhos e Filhas.

É notável o que Dom Santiago visualizou por volta dos anos 40, quando escreveu ao começar a ensino Hidrochosa: *“Ideias e obras novas se preparam para o mundo”*. Entre outros fatos extraordinários que facilitaram um profundo processo de transformações no mundo, assinalo um que provocou uma mudança decisiva na consciência da humanidade. Em 1961, o ser humano orbitou a Terra pela primeira vez, e apenas oito anos depois, de nossos lares, pudemos observar a primeira caminhada de um astronauta na superfície lunar e, ao mesmo tempo, ser observados por seres humanos a partir da Lua, do espaço exterior. Este fato transcendente produziu um salto irreversível em nossa compreensão do mundo; levou-nos a vê-lo como nosso lar, além das fronteiras e divisões que possamos estabelecer.

É como se contássemos com um grande telescópio dirigido para a Terra, que nos permite ver o que sucede em cada canto do planeta com uma clareza e velocidade impactantes. Por um lado, ressalta o assombroso adiantamento técnico-científico e por outro, o sofrimento e a dor que continuam provocando profundas feridas na humanidade. Observamos ambos os extremos e todos os matizes intermediários, com meticulosidade, detalhadamente. Observamos como a inconsciência e o egoísmo dão lugar a uma desigualdade sem medida, aprofundando ainda mais as diferenças; como milhões de pessoas vivem na mais absoluta pobreza e escravidão; como as guerras continuam aumentando as distâncias entre os seres humanos e empobrecendo ainda mais o mundo; como gastamos sem controle os recursos de nosso planeta, pondo de manifesto nossa limitada compreensão do que significa ter, por enquanto, um único lar no universo.

Ao mesmo tempo e com a mesma meticulosidade conseguimos entrar nas minúcias do esforço que realizam pessoas ou grupos, respondendo a partir de seu próprio campo de trabalho para, com muita decisão e valentia, tratar de encontrar e dar soluções à dor do mundo. Ante esta realidade, nossa consciência nos impulsiona a amenizar esta dor, como Filhos e Filhas de Cafh, como Corpo Místico, através de nossa missão, da vivência de nossa ensino, aportando a transformação concreta de nossos valores.

Ofereçamos nosso empenho, nosso compromisso de fazer vida a compreensão que alcançamos, como um grão de areia que se soma ao esforço conjunto para expandir a força do amor e da participação através de nossa própria expansão da consciência. Haverá plenitude e igualdade no mundo quando formos plenamente conscientes de nós mesmos e de nossa unidade com todo o existente, quando esta realidade egoente habite no coração dos seres humanos.

Trabalhemos no exercício de dar e de oferecer-nos no fazer cotidiano, aproveitando o aqui e agora, este momento presente com que todos contamos. Neste sentido é que proponho aprofundar, de maneira efetiva e concreta, com renovado compromisso o trabalho que estamos realizando. Trabalhemos para oferecer um bem que seja não apenas uma ideia, mas uma solução efetiva para os males do mundo. Nossa contribuição será mais que uma ideia na mesma proporção em que a

tenhamos praticado, experimentado e vivenciado. Aportar consciência e poder de realização é, indubitavelmente, abrir uma vereda que conduz mais rapidamente à solução dos males do mundo ao oferecer a experiência feita vida do que se propõe. Esta é a tarefa que devemos empreender sem dilações.

Instalar uma estação espacial orbitando a Terra tem proporcionado grandes avanços à investigação científica. Da mesma forma, necessitamos estabelecer uma espécie de estação espacial interior, que nos permita montar um laboratório de experimentação que dê continuidade e metodização ao que fazemos. Desta maneira torna-se mais fácil a exploração objetiva do espaço profundo de nosso universo íntimo, sem os véus que nos tiram perspectiva a respeito dos fatos que vivemos. Todos somos conscientes do esforço e do sacrifício que significa viver fora da Terra, como o faz um astronauta; no entanto, esse esforço é amplamente compensado pela consciência de estar criando novos caminhos para a humanidade. Relacionemos nosso trabalho a esta experiência: naveguemos no profundo de nosso ser, analisando e desvendando o espaço interior não apenas para descobrir, mas para no dia-a-dia fazer vida as compreensões que alcançamos.

Trabalhemos em nós mesmos, mas não somente para nós. Se tivermos claro que nossa missão não é buscar uma salvação pessoal, descobriremos paulatinamente a maneira de desenvolver em nossa vida ações egoentes e concretas que se projetem no meio. Fortalecer com a renúncia a base a partir de onde nos projetamos, dará direção e sentido ao esforço para desenvolver-nos já que nosso trabalho interior há de resultar em um benefício mensurável em nosso entorno. É por esta transcendência que não devemos nos conformar realizando somente trabalhos esporádicos ou retoques em nosso processo de desenvolvimento. Tomemos consciência de que se não nos aprofundarmos em nosso mundo interior com todas as ferramentas que o Método põe a nosso alcance, corremos o risco de cair em repetições tediosas, que vão tirando força e sentido ao caminho que escolhemos.

Empreendamos a tarefa de aprofundar o conhecimento de nós mesmos e do entorno valendo-nos de nossa capacidade de reconhecimento, de abertura à retroalimentação e da prática metódica da desapareição espiritual.

Entendemos por capacidade de reconhecimento a habilidade de localizar-nos rapidamente em uma nova situação. Se as circunstâncias, o critério ou o que tenhamos compreendido em um momento, levam-nos até um ponto determinado e os fatos consequentes ou os demais nos mostram que não era esse o melhor caminho ou objetivo a seguir, quanto mais rápido seja o reconhecimento do engano, menos dano, dor e perda de tempo e energia causaremos. Ajustar a direção e corrigir o rumo quando seja necessário, dá continuidade à consecução de nossos objetivos e facilita enormemente o processo de aprendizagem. Por isso, junto com a capacidade de discernir o passo que nos convém escolher em cada momento, o rápido reconhecimento tanto dos erros como dos acertos é uma boa mostra do grau de flexibilidade mental de uma pessoa e de sua possibilidade de desenvolver-se.

Quanto à retroalimentação, este útil mecanismo que nosso organismo desenvolveu, nos permite autorregular-nos e adaptar-nos à infinidade de situações que requerem mudanças para que nosso corpo consiga manter a homeostase¹ e sua estabilidade para sobreviver. Bem sabemos que este mecanismo gera respostas definidas a certos sinais. Por exemplo, ante situações que causam estresse, devido ao processo evolutivo que sofreram tanto as espécies como os indivíduos, um variado número de substâncias são descarregadas na corrente sanguínea criando um estado de alerta que possibilita uma resposta mais rápida a qualquer situação. Por isso se aceleram o ritmo cardíaco e a frequência respiratória. Neste caso tudo ocorre por automatismos que nos liberam de manter um controle consciente sobre as respostas do corpo. Fazendo uma analogia ante os diversos estímulos do entorno, depende de nosso trabalho interior criar mecanismos inovadores que desenvolvam

¹ Homeostase: f. Biol. Conjunto de fenômenos de autorregulação, que conduzem à manutenção da constância na composição e propriedades do meio interno de um organismo. DRAE

respostas participativas e inclusivas, com a mesma exatidão que o faz uma reação automatizada do organismo.

Exploremos um modo prático e efetivo de afinar nossos sensores interiores para que, sem filtros que atenuem a receptividade na retroalimentação, a informação chegue intacta e nos seja útil para aprender e desenvolver-nos. Autoavaliemos nossas respostas e o que fica em nosso coração como resultado da interação entre o que recebemos e o que damos. Também autoavaliemos as respostas que devolvemos à vida em geral e àqueles que compartilham nossa existência em particular. Ao transformar em nosso interior os sinais, às vezes dolorosos, que recebemos de fora, em respostas justas, sábias e construtivas que protejam nosso ser, o de todas as almas e o do meio-ambiente, estamos fazendo efetivo o trabalho de desenvolvimento.

A respeito da desapareição espiritual, esta prática nos leva a reconhecer gradualmente nossa realidade com simplicidade porque estamos presentes em cada momento, com todo nosso ser, sempre prontos para dar-nos e dar o que seja necessário. Viver desapareídos da busca de reconhecimento, sem fazer ostentação de nosso talento, de nosso conhecimento, de nossos bens e de nossas opiniões, leva-nos paulatinamente para o caminho do amor e da união. Não é fácil deixar de competir, refrear o impulso que nos leva a prevalecer sobre os demais, para ser uma alma entre as almas, ocupando um lugar e não dois. Esta é uma verdadeira mensagem para o mundo, nossa mensagem; vivamo-la cabalmente, cada um a partir de seu compromisso, de sua eleição. Ao assumir este compromisso sabemos que não é para chamar a atenção nem para ganhar nada nem para sentir que o que estamos fazendo é algo extraordinário nem que, por ter-nos comprometido, somos especiais, nem sequer que o que estamos fazendo é especial. Simplesmente sentimos que nossa eleição de viver a desapareição espiritual responde ao que temos que fazer.

Fizemos referência ao trabalho no qual temos que nos aprofundar no âmbito individual. Abordemos agora o trabalho a realizar nos grupos de Cafh. Pode ser que tenhamos dificuldades no grupo, ou que não as tenhamos. No entanto, sempre necessitamos crescer, desenvolver-nos, avançar. Não detenhamos o processo de desenvolvimento, já que detê-lo seria não somente não avançar, mas retroceder em nossos objetivos. Se quiséssemos representar o processo de desenvolvimento interior com uma imagem poderíamos pensar em uma espiral ascendente. Ao desenvolver-nos, passamos por experiências similares em cada etapa, mas em cada uma delas nos relacionamos com essas experiências de maneira diferente, com um nível mais amplo de compreensão, compromisso, generosidade e liberdade. Estudemos, por exemplo, a qualidade das relações que mantemos no grupo para trabalhar em transcender a etapa atual e situar-nos em um nível de maior harmonia que tenhamos construído entre todos. Usemos como ferramentas as que Cafh nos dá, tais como: a meditação, o exame retrospectivo, o ato contrário, a tomada de consciência, a prática das dez palavras do desenvolvimento, a missão anual, o diálogo e a oração. Realizemos o trabalho com atitude científica, não imponhamos nossos pontos de vista, nossa forma de trabalhar. Ofereçamos nossas ideias e projetos evitando atitudes que levam a confrontações. Contaremos desta maneira com uma diversidade de perspectivas para enfrentar e solucionar as dificuldades que tenhamos, ou para passar ao próximo nível da espiral do grupo. Não demandemos dos demais uma resposta ou disposição determinada. Encerrar-nos em pontos de vista que nem abrem campos de possibilidades nem favorecem uma boa relação não proporcionará resultados positivos para nenhuma das partes. Realizemos este trabalho no grupo tendo muito presente a responsabilidade que implica gerar uma mudança. Por isto tragamos amiúde a nosso coração a consciência da transcendência de nossa missão e do compromisso que assumimos.

Este compromisso, se assumido plenamente, irradia do próprio interior para o entorno imediato, a família, a comunidade, os lugares de trabalho, até abarcar o mundo todo, como mensagem certa e concreta da capacidade de desenvolvimento do ser humano. Ao escolher o que queremos fazer de nossas vidas, sem pressões externas, somos livres para assumir o compromisso em nossa medida, de acordo com o que nosso discernimento nos indique. A consciência vocacional pede o que cada um de nós deu com total liberdade ao emitir nossos votos. Com paz interior, com convicção, poderemos

ser consequentes no cumprimento de nossa missão e sem dúvida abriremos, a partir de nosso próprio fazer, novos sulcos de esperança e de realização para a humanidade.

Continuemos velando, cada dia, para que a consciência de nossa vocação de oferenda, do compromisso que a vocação implica e da coerência que nos exige, rejam nossas vidas.

Unamos nossa intenção e compromisso, formando uma corrente de amor, de consciência, de responsabilidade com a humanidade.

Nossa tarefa é grande:

- Respondamos à falta de amor que vemos no mundo através de nossa vocação de união com todas as almas.
- Respondamos à violência, com nosso compromisso de gerar pensamentos e sentimentos de bem que superem o ódio que vemos na sociedade.
- Respondamos à incompreensão, com o esforço por vivenciar em nosso entorno a aceitação sincera da diversidade.
- Respondamos à dor do mundo, com o compromisso de expandir a consciência até que todos os nossos atos reflitam a compreensão de ser uma alma entre as almas.

Avaliar o que fazemos para impulsionar nosso desenvolvimento

Sétima Ensino

Extrato da Alocução de Abertura 2009

Cafh cresce com o desenvolvimento de cada um de nós. A razão pela qual Cafh perdura é porque somos fiéis aos princípios e ideais sobre os quais está fundamentada esta Obra espiritual, e porque somos capazes de desenvolvê-los e fazê-los crescer em função das necessidades reais da humanidade. São esses princípios e ideais os que devemos alimentar permanentemente, já que somente o que se alimenta cresce.

Não há dúvida que as circunstâncias atuais – da vida em geral e da nossa vida em particular – confrontam-nos com grandes desafios que nos chamam a responder com nossa oferenda de vida e com nosso sacrifício pessoal. Integramos o Corpo Místico de Cafh e damos forma a este Corpo com nosso trabalho de desenvolvimento. Essa conformação dependerá de nossa resposta concreta ao chamado vocacional. É por isto que, conscientes do poder que exercemos através de nosso fazer, temos que trabalhar na intenção que move esse fazer. Não alimentemos logros pessoais; oferecemos nosso tempo desinteressadamente, com o objetivo de plasmar a Obra de Cafh no mundo.

Confiemos em nós mesmos, em nossa capacidade de amar, de vencer nosso egoísmo com responsabilidade e coragem. Com responsabilidade, porque não esperamos que outros nos impulsionem ou tomem a iniciativa. Quando visualizamos uma necessidade, damos o passo para atendê-la, de forma conjunta e interdependente. E com coragem, porque não cedemos ao impulso de ocultar nossas debilidades, senão que empreendemos a tarefa de sobrepor-nos a elas. Ao comprometer-nos geramos a energia vital que nos anima e alenta para não claudicar ante o pessimismo e a desesperança. Nosso compromisso está selado; realizemos, então, um trabalho efetivo de transformação em nossas próprias vidas.

Há vários anos, tem-se trabalhado para implementar um sistema de avaliação que favoreça, entre outros aspectos, a análise e o melhoramento do sistema de relações, o aprofundamento na oração e o fortalecimento do espírito do grupo. O exercício de avaliação tem gerado diferentes respostas, já que cada grupo explorou seu próprio sistema de avaliação e selecionou os temas apropriados para iniciar o processo.

Alguns grupos comentam que puderam identificar várias etapas no caminho: a primeira etapa se caracterizou por certa resistência a aceitar a avaliação; a segunda etapa consistiu em aprender a manter o foco na intenção base para que a avaliação não se transforme em um espaço de descarga emocional; a terceira etapa foi identificar com que frequência deve-se realizar essa prática para se obter um resultado mais efetivo e quando renovar os pontos a avaliar; na quarta etapa, chegou-se a uma aceitação plena do exercício e da necessidade de realizar regularmente esta prática, ao se compreender o efeito favorável que ocorreu no desenvolvimento de cada Filho(a) e no grupo. Ao analisar os resultados do exercício de avaliação, constatou-se que os aspectos não satisfatórios não eram produtos do exercício em si, mas da forma inadequada de efetuá-lo; por exemplo, fazendo juízos de valor ou interpretando as intenções de outros. Fica claro que as avaliações devem ser realizadas com a intenção honesta de ajudar e não de exigir ou demandar determinadas atitudes dos demais.

A avaliação como exercício tem sido interiorizada em alguns grupos e, em geral, tem sido compreendida sua importância quando a usamos como ferramenta para o desenvolvimento espiritual. Quando aprendemos a ser conscientes de nossa intenção, do que move nossos pensamentos e sentimentos, descobrimos seu poder. A intenção funciona como um poderoso motor para o desenvolvimento interior, porque é de onde se nutre nosso ser.

Quando somos conscientes de nossa intenção e trabalhamos em nós mesmos para dar à nossa vida a direção e o sentido que escolhemos, produz-se uma profunda plenitude interior. Afinal, é isto o que

nos permite realizar uma mudança substancial em nossas vidas e pavimenta o caminho que nos conduz à participação interior e ativa com as almas. Depois de falar sobre este tema em alguns encontros, várias Távolas iniciaram a prática da avaliação. Temos recebido seus comentários de que, tanto em suas reuniões como em diferentes atividades realizadas, os resultados obtidos têm sido muito favoráveis.

Extrato da Alocução de Clausura 2006

A avaliação é de grande valor e utilidade, tanto na própria vida, como no exercício de uma função ou para a organização. Creio oportuno que trabalhem para ampliar este conceito, já que se lhe déssemos o caráter de exame, em lugar de ajudar-nos com o conhecimento que nos proporcionam a análise e o estudo das situações que vivemos ou das experiências que realizamos, converter-se-ia em um fator limitante. Além disso, os que avaliamos correríamos o risco de converter-nos em juízes que determinam o que está bem e o que está mal. Não é este nosso propósito, nem o que nos convém para promover o desenvolvimento.

Demos à avaliação o caráter de análise, de reflexão, de observação. O importante é contar com um instrumento idôneo que nos permita considerar os resultados do que estamos fazendo, para saber se temos que mudar de rumo ou manter-nos no que elegemos.

Refletir, avaliando juntos o que fazemos, é enriquecedor. Avancemos um passo em direção a sua consecução individualmente e como grupo:

- Observemos desapassionadamente os efeitos que nosso trabalho interior provoca em nossa vida e na daqueles que nos acompanham.
- Reflitamos sobre nossa conduta e observemos suas consequências.
- Usemos aquilo que aprendemos com nossa técnica de meditação para deter-nos, observar e refletir.
- Busquemos o ponto de inflexão onde o observado e o propósito para onde dirigimos nossa potência interior se transformem em ato criador.

Nossa missão como Filhos requer de nós compromisso e trabalho efetivo sobre nós mesmos. A avaliação, tanto pessoal como do trabalho do Grupo que integramos, é um exercício útil e necessário para o nosso desenvolvimento.

Segundo recentes investigações, as células do corpo têm uma inteligência própria que permite a cada uma realizar o trabalho requerido. Da mesma maneira, cada Filho ou Filha que forma o Corpo Místico vai manifestando, através de sua fidelidade e entrega, a inteligência para cumprir a ação necessária e para se localizar onde realmente faz falta.

Que um grupo humano possa levar a cabo uma obra desinteressada não é um fato fortuito. É o resultado de um trabalho de introspecção conjunto e profundo, baseado na convicção de que nada existe que possa ter uma vida separada. Por isso, a participação não é somente um compromisso solidário dos Filhos e Filhas. É um sentimento muito mais profundo e inclusivo. Nasce da certeza de que somos interdependentes. Nasce do apreço pela vida mesma, como um todo. Queira a Divina Mãe que este sentimento de amor marque nossa passagem pela terra e que possamos ser almas egoentes em permanente comunhão com o todo.

Fortalecer nossas bases Oitava Ensino

Extrato da Alocução de Abertura 2010

Para que as Atividades de Extensão sejam úteis à Grande Obra e deem um fruto de bem para as almas é preciso realizar esta tarefa com interdependência, criatividade e participação.

É uma tarefa de interdependência, porque implica um trabalho de coordenação entre os Delegados(as) de País para as Távolas, Delegados(as) de País para as Atividades de Extensão e os diretores das instituições. Embora os Filhos e Filhas tenham considerado a solicitação para se trabalhar muito especialmente nesta área, ainda há uma grande oportunidade de crescimento para maximizar as possibilidades de um esforço em comum. O trabalho interdependente exige, de cada uma das partes envolvidas respeito, aceitação, sentimento de amizade, localização, humildade e muito amor. Esta não é uma tarefa fácil, mas, na medida em que a realizamos, entesouramos a força da ideia feita vida.

É uma tarefa de criatividade, porque nos encontramos com uma ampla diversidade de características entre os que assistem as Atividades de Extensão, desde aqueles que participam uma única vez, até aqueles que, desde o início, querem já comprometer sua vida, ao perceber as possibilidades que lhes oferece Cafh. Isto requer criatividade, compreensão e firmeza para orientar para um fim transcendente as diferentes inquietudes, anseios e visões dos que se interessam por nossas atividades.

E, finalmente, é um trabalho de participação porque, sem dúvida, essa tarefa não pode ser realizada por uma só pessoa, senão que requer a força e o compromisso de todos os envolvidos nela. O trabalho do Delegado(a) para Atividades de Extensão é essencial, já que, ao aplicar sua energia, dinamismo e visão, orienta o caudal potencial do grupo e impulsiona a criatividade dos Filhos e Filhas. Estes, por sua vez, contribuem com o seu trabalho e com muito afincamento para fazer desta obra uma realidade.

Extrato da Alocução de Abertura 2009

Penso que as Atividades de Extensão fortalecerão o Corpo Místico ao expressar a Ideia da Renúncia de forma dinâmica na sociedade. Isto significa nosso compromisso de levar às almas a melhor riqueza de Cafh: a Mensagem da Renúncia feita vida em cada Filho ou Filha, de acordo com sua medida. Recordemos que a mensagem de Cafh se compreende por analogia e por integração a Cafh de maneira simples e gradual. Oremos para que este passo que estamos dando ao criar as Atividades de Extensão como atividades regulamentares de Cafh, possa fortalecer nosso trabalho de expandir a Obra, de levar a Ensino além das fronteiras de nosso caminho, de dar a conhecer a Ideia da Renúncia, como nos dizia Dom Santiago em sua última Mensagem: *"Filhos da Divina Mãe: fazei com que Cafh se expanda sobre toda a terra..."*

Extrato da Alocução de Abertura 2010

Para que as Atividades de Extensão reflitam fielmente a Ideia da Renúncia, base de nossa ensino, é preciso que dediquemos especial atenção, tanto em nossa vida pessoal como em nossa Távola e nas Távolas que assistimos, a três aspectos que são fundamentais para garantir nosso sentido vocacional e, com ele, a tarefa que realizamos. Estes três aspectos são: o Cerimonial, a Ensino e a oração. Como dizia Don Santiago, *"Corre a mente do ser humano em busca do filão de ouro que outro diz ter descoberto e gasta suas reservas vitais, na saltitante busca; tropeça, incauta, em ilusórias armadilhas e se recusa, obstinadamente, a cavar na horta de sua casa"*. Somos chamados a reverter esta tendência humana e a realizar, decidida e amorosamente, nossa tarefa, fortalecendo nossa vocação de oferenda.

Valorizemos nosso Cerimonial, recordando que é a divisa visível e invisível dos Filhos e Filhas. É a divisa visível, já que, através do Cerimonial, os Filhos e Filhas compartilhamos o significado de uma linguagem simbólica que nos une e identifica. Com o Cerimonial nos saudamos e vivemos com um sentido transcendente cada momento de nossas reuniões. Com o Cerimonial, damos ênfase a certos momentos de nossas vidas para que fiquem gravados na mente e no coração. Valorizamos o Cerimonial, quando vivemos cada momento do dia, com reverência e profunda gratidão: o despertar, o orar, o comer, o sair de casa, o saudar nossos companheiros, o trabalhar, o estudar, entre outros, se transformam em atos transcendentais. Não tenhamos como certo, que sempre contaremos com esses momentos. Reconheçamos o privilégio de poder vivê-los. Ser conscientes deste privilégio nos sensibiliza para fortalecer nossas condutas mais acertadas, de maneira que, cada momento vivido contribua com algo para nosso desenvolvimento e para o de nosso entorno. Recordemos os versículos, essas maravilhosas oportunidades de detenção, para elevar nosso olhar para o divino e acompanhemos, com a sua recitação, os diferentes momentos do dia.

Valorizemos nossas ensinanças, ao consagrar um tempo diário para o seu estudo, com o coração aberto para o significado de suas palavras. Busquemos pôr em prática estas ensinanças, em nossos afazeres cotidianos, para enriquecê-las com a nossa própria vivência. A luta por prevalecer, tão difundida na sociedade de hoje, obscurece em grande medida nossa capacidade de descobrir a potência criadora, presente em cada ser humano. Para desvelar esta potência, contamos com a ensinância, que estimula que se aflore o sentir interno de nosso ser, e com a prática assídua dos exercícios ascético-místicos, que nos leva a plasmar, na vida diária, nossas compreensões.

Valorizemos a prática da oração que nos conduz a silenciar nosso mundo interior. Esta prática nos ajuda a localizar-nos, a desenvolver a humildade; ensina-nos a estreitar laços e a expandir o nosso coração para que, nele, caibam todas as almas. Buscar este contato íntimo com o divino nos ajuda a fazer uso de um claro discernimento. A prática da meditação nos induz a uma profunda introspecção e a uma reflexão que nos levam a conhecer-nos, em um estrato mais profundo que o da razão e o do temor ao desconhecido de nosso ser. A prática da oração amplia, gradativamente, nossa perspectiva da vida, da nossa relação com ela e da responsabilidade que assumimos. É muito bom que isto se constitua em um belo anseio, porém, se queremos desenvolver-nos, recordemos que cresce o que se alimenta.

Através da prática de um ascetismo inteligente, fruto da profunda convicção de contar com esta vida como única experiência, neste presente, podemos esculpir, com amorosa liberdade e detalhe, nossa obra mais importante: nós mesmos. Sem dúvida, o que dá sentido transcendente a esta obra é fazê-la por amor a todas as almas.

A pegada que deixamos Nona Ensino

Extrato da Alocução de Encerramento 2009

Quando falamos de abertura, isto não significa que os limites se tornam confusos, que podemos alterar os princípios de Cafh ou fazer mudanças de maneira unilateral no método, no cerimonial, na organização. A abertura exterior há de ser consequência de uma abertura interior em cada um de nós. Ou seja, é ir em busca do conhecimento cada vez mais honesto e profundo de si mesmo, descobrir a verdadeira raiz de nossos pensamentos e sentimentos, desenvolver a individualidade egoente. O conhecimento de nós mesmos nos outorga confiança, serenidade, maturidade e isto se traduz em ausência de temor. Isto é abertura, porque a ausência de temor é o que nos permitirá dar a conhecer a ensinância de Cafh com convicção, com a força de uma ideia feita vida.

Necessitamos abrir as portas de nosso mundo interior até conhecer o que nos move quando damos ou negamos um lugar a alguém em nosso coração. Isto é abertura, porque significa que daremos a oportunidade de conhecer as ideias de Cafh a quem se interesse por elas, sem segregar, sem julgar, sem rechaçar. Como Filhos e Filhas de Cafh, em vez de dizer aos outros o que devem fazer e como devem viver, sentimos a responsabilidade de desenvolver em nós mesmos uma individualidade egoente que nos leva a contribuir com paz, harmonia e consciência onde quer que estejamos. Isto também é abertura, porque essa paz, harmonia e consciência põem em evidência o fruto de uma vida comprometida com o trabalho em função do todo.

Por outro lado, em algumas oportunidades os Filhos(as) nos perguntam em que baseamos nossos princípios de vida. Abertura, neste caso, é mencionar a fonte de onde nos nutrimos. Daí a importância de viver com compromisso neste momento, porque de nós dependerá que a mensagem de Cafh chegue tal como é, sem que nada fique no caminho. Quer dizer, devemos ser fiéis transmissores da Ensino e verdadeiros expoentes da mesma. Isto é o que temos para dar: evidenciar com nossas vidas o que o método de Cafh produz na alma.

Quanto à abertura exterior, referimo-nos a uma atitude aberta que nos permita, a partir de Cafh e como membros de Cafh, compartilhar com a sociedade a riqueza de nossas ensinâncias, que tanto contribuem para a expansão da consciência individual. Creio que todos podemos perceber o anseio que as pessoas têm de dar um sentido a suas vidas. Cafh, como reunião de almas, abriu a possibilidade, a quem assim o deseje, para que possa conhecer suas ideias, suas ensinâncias e seu método de desenvolvimento, através de diversas atividades e de cursos oferecidos com regularidade. Quando organizarmos as atividades de extensão, tenhamos em conta revelar a fonte de onde provêm as ideias, os enfoques, as experiências dos expositores. Temos nos nutrido das ensinâncias de Cafh, levamos em nosso coração seu espírito e a essência de seu método em nossas vidas. Creio que isto é o que as almas buscam, que as ideias que recebam estejam sustentadas pela vida de quem as transmite, que não sejam só palavras. Se fazemos referência ao fato de que pertencemos a um caminho que tem uma trajetória, que oferece uma ensinância e um método para aplicar na vida, contamos com um aval que respalda o que expressamos.

Ampliando o tema da abertura, gostaria de compartilhar algumas reflexões que estão relacionadas com este tema e que nos ajudarão a ter em conta a contribuição que, como caminho de desenvolvimento espiritual, oferecemos à humanidade.

Encontro uma acentuada ressonância entre algumas das ensinâncias de Cafh e certas ideias que atualmente têm adquirido muita relevância na sociedade. Por outro lado, temos observado como a ciência vem corroborando o que temos podido descobrir em nossas vidas ao aplicar, minuciosamente, o método de Cafh. A neurociência, por exemplo, tem afirmado que os seres humanos estamos programados para não estar programados; que não há nenhum ser humano igual a outro; que, definitivamente, somos não repetíveis. A ensinância menciona o caráter único, não repetível de nossa individualidade. Em nosso trabalho cotidiano com nós mesmos, dedicamo-nos a

descobrir nossa individualidade, mais além do que acreditamos ser. Outro avanço na neurociência é a descoberta de que as conexões neuronais se refazem continuamente pela propriedade plástica do cérebro de ser modificado estruturalmente pelas experiências e pelos estímulos externos, como também pelas percepções e pelos estados internos. Temos experimentado em nossas vidas como podemos modificar o resultado das experiências vividas ao tomar distância, ao desidentificar-nos delas, ao compreender que não somos nem a experiência nem seu resultado. Em maior ou menor grau, temos comprovado essa plasticidade inata do cérebro para “abrir novos sulcos mentais”, como dizia Dom Santiago. Quando oferendamos nossa força mental à Grande Obra, descobrimos que contamos com a capacidade de fazer da matéria mente e da mente, matéria. A teoria do número ou massa crítica nos diz que, quando um determinado número crítico alcança consciência de algo específico, esta consciência pode ser comunicada de uma mente a outra. A ensinaça nos orienta a trabalhar em nós mesmos o que desejamos para as almas. Este trabalho realizado em um ambiente de oferenda nos transcende. Quando unimos nosso esforço individual com o de outros Filhos e Filhas potencializamos a força espiritual desenvolvida, e essa força se derrama estimulando o desenvolvimento espiritual em todos os seres humanos. A nova hipótese dos campos morfogenéticos nos explica que, quando um membro de uma espécie aprende um comportamento novo, no início é apenas perceptível, mas, se se repete durante certo tempo, sua “ressonância mórfica” afeta toda a espécie. Comprovamos dia a dia que, como seres humanos, contamos com a capacidade de modificar nossas vidas e o meio em que vivemos. Trabalhamos a partir de nós mesmos para dar uma resposta ao exterior. Sustentando-nos na força espiritual que surge da fixação interior, podemos nos transformar em fatores de mudança positiva.

Definitivamente, nosso caminho, o caminho da Renúncia, é tão novo como a capacidade que nós mesmos tenhamos de renovar-nos. A ciência está se aproximando por outros meios ao que os caminhos místicos já descobriram através da expansão da consciência.

Hoje quero destacar uma das ideias que têm chegado com força à sociedade: *o conceito da marca que deixamos*. Há alguns anos vimos nos familiarizando com o conceito de “pegada de carbono” e “pegada ecológica”. De modo simplificado, poderíamos dizer que este conceito pretende nos conscientizar da pegada ou marca que deixamos ou criamos em nossas atividades cotidianas. No caso da “pegada de carbono”, essa marca está determinada principalmente pela quantidade de gases de efeito estufa produzido e quantificado em unidades de dióxido de carbono. No caso da “pegada ecológica”, está determinada pelo impacto que exercemos como comunidades humanas –país, região, ou cidade– sobre o entorno onde habitamos.

Nosso método de vida nos leva a trabalhar na expansão da consciência de modo que, através de nosso amor, sejamos cada vez mais inclusivos. Procuramos tomar consciência de fatos, processos, intenções, tendências. Fazemos da reserva de energia um modo de vida. Em outras palavras, buscamos ser conscientes da pegada que deixamos por amor à vida, para diminuir o impacto não favorável que provocamos no entorno.

Com o desenvolvimento da egoência como meta –ser conscientes de nós mesmos e de nossa unidade com o todo– e comprometidos a responder de maneira coerente com esta consciência, observemos a pegada que deixamos. Tomemos as ações apropriadas para que nossa pegada reflita sempre o compromisso que abraçamos.

Façamos bom uso das oportunidades. Caminhemos conscientemente. Estejamos atentos ao que geramos em nosso lar, no trabalho, quando dirigimos um veículo, quando estamos tensos, quando as coisas não nos saíam bem. Se estas situações nos levam a alimentar pensamentos e sentimentos negativos, aprendamos a “reciclá-los”, para dar vida a novas formas harmoniosas de nos relacionar com as circunstâncias. Deixemos esta pegada responsável em nosso caminhar pela vida.

Façamos bom uso do tempo. Caminhemos em paz. Deixemos a inquietude de manter a atenção centrada em nós mesmos, aprendendo a discernir entre o que necessitamos realmente e o que acreditamos necessitar. Quando renunciamos a centrar nossa vida em satisfazer gostos e

preferências, em preconceitos e vaivéns mentais, aprendemos a nos liberar da tirania do egoísmo e o tempo se estende e se multiplica para poder realizar o que é necessário fazer. Fazer bom uso do tempo é orientar nossas escolhas para a realização de nossa vocação de oferenda. Deixemos esta pegada de esquecimento de nós mesmos.

Façamos bom uso dos recursos que a vida nos oferece. Praticemos a Economia Providencial. Ao tomar consciência da relação que estabelecemos com nossas necessidades e com os bens, fruto de nosso trabalho, podemos aperfeiçoar nosso sentido de responsabilidade social. Recordemos que nossa felicidade é incompleta sem a felicidade de todos. Em cada um de nós há uma fonte permanente de bens de toda espécie. Não anulemos este dom da vida dirigindo nossa vontade ao prazer de satisfazer unicamente nossos desejos pessoais, sem levar em conta as necessidades dos demais. Deixemos esta pegada de responsabilidade social como um bem para a humanidade.

Façamos bom uso do potencial da força espiritual. Alcancemos um estado de simplicidade e unidade, praticando a oração e a meditação. A oração nos ajuda a expandir nossos horizontes, unen-nos as almas, alenta-nos a não ficarmos encerrados em nossos próprios interesses, desperta-nos para a participação. A meditação nos ajuda a conhecer-nos, a penetrar e iluminar o mais recôndito de nosso ser, para compreender-nos, aceitar-nos e comprometer-nos e, ao mesmo tempo, compreender e aceitar aos demais. Deixemos esta pegada de amor no coração de todas as almas.

Façamos bom uso da criatividade. Caminhemos em direção ao coração da Divina Mãe. Quando fixamos nossa atenção no divino, nossas forças se multiplicam, nossa energia pessoal reservada aumenta. Que nossa verdadeira riqueza resida nesta fixação interior na Divina Mãe e daí tomemos a força para gerar bens intelectuais e materiais necessários para nós e para toda a humanidade. Deixemos esta pegada de força espiritual onde estejamos.

Todos nós deixamos uma pegada. Procuremos que a nossa seja sempre construtiva e que deixe o perfume da egoência e da espiritualidade.

Reservar nossas energias

Décima Ensino

Alocução de Encerramento 2010

É saudável e conveniente, de tempos em tempos, elevar nosso olhar para esquadrihar a vastidão do espaço. Não precisamente, com o propósito de escapar da realidade, que às vezes nos custa enfrentar, mas para alcançar uma perspectiva mais ampla da vida e de nosso destino. Somos parte do universo, estamos feitos da mesma matéria e compartilhamos o mesmo caudal de energia.

Os raios cósmicos que chegam ao nosso planeta, desde o espaço exterior, são partículas altamente energéticas. Cada átomo que compõe a matéria tem partículas subatômicas que se mantêm unidas por forças nucleares, extremamente poderosas. A cada dia, o sol libera enormes quantidades de energia, produzida pela fusão dos átomos de hidrogênio que estão em seu interior e nos chegam, em forma de luz e de calor.

A energia é vida. Orientada com inteligência, tem inumeráveis usos benéficos para o ser humano. Reservada sabiamente é a fonte de onde, conscientemente, podemos nutrir-nos para desenvolver uma vida harmônica e equilibrada.

Cada um de nós é depositário de um caudal próprio de energia física, mental e moral. Porque somos seres humanos, temos a faculdade de decidir em que gastamos esta energia, em que direção a orientamos e como a reservamos. A energia em si mesma não é nem boa nem má; o uso que fazemos dela é o que determina o seu destino. Ninguém, além de nós mesmos, decide o destino desta força e é nosso dever utilizá-la de maneira construtiva e prudente.

Cada um de nós pode liberar sua energia ou absorver a de outros. Para cumprir a nossa missão, como Filhos e Filhas de Cafh, é de suma importância saber reservar e direcionar a energia de nossa própria vida. Quando aprendemos a realizar, através da renúncia, a fascinante alquimia interior de influir sobre nosso núcleo espiritual, com um dedicado trabalho de expansão da consciência, liberamos imensas quantidades dessa maravilhosa potência a que chamamos amor.

Nossa missão é de oferenda e o seu objetivo nos transcende. Ter clareza vocacional, fortaleza de propósitos e consciência da transcendência da missão que nos cabe cumprir, nos compromete a dirigir a nossa atenção e interesse para realizar um trabalho específico, procurando não nos desviar de nosso objetivo. Compromete-nos a levar a cabo a principal obra social que, cedo ou tarde, todos os seres humanos temos que realizar: desenvolver-nos espiritualmente para expandir nossa consciência e, com ela, nossa compaixão e nosso sentido de responsabilidade individual e social. Esta obra social vai muito mais além de reconhecer a necessidade de amenizar o sofrimento do ser humano. Orienta-nos para transformar nossa natureza interior de maneira que cada um de nós ocupe um lugar e não dois e, assim, todos possamos exercer nossa liberdade e o direito a uma vida plena e produtiva. Esta obra social vai muito mais além de acompanhar os que sofrem. Orienta-nos para transformar nosso coração para que nele caibam todas as almas, sem distinções.

Nossa missão há de transformar nossa vida de tal modo que tenhamos presente que, diante de cada circunstância, sempre se nos apresentarão dois grandes caminhos a seguir: aquele que nos traz somente riqueza e bem estar pessoal e aquele em que o nosso crescimento pessoal está comprometido e consubstanciado com o desenvolvimento do entorno em que vivemos. O segundo é o nosso caminho. É o caminho que elegemos e é o nosso modo de fazer obra social.

Na medida em que nossa consciência e nosso sentir se expandem, compreendemos, com maior clareza, onde se enraíza a dor e o sofrimento do ser humano. É por isso que quiséramos ajudar a todos os necessitados, consolar a todos os que sofrem, dar alimentos a todos os que padecem de fome. Mas a realidade parece indicar que nos é impossível satisfazer, materialmente, as necessidades de todos. Entretanto, há uma maneira efetiva de se chegar às almas, e é através de nosso esforço comprometido para nos desenvolver-nos. Se tudo o que fazemos responde à consciência que

alcançamos, nossa contribuição, qualquer que seja, é eficaz e transcendente. Nossa participação não termina onde termina o nosso fazer, se expande muito mais além, até onde chega o nosso amor. Ao focar nossa força espiritual, estimulamos a criação de novas possibilidades, na mente e no coração dos seres humanos. Aprendemos a participar da vida de modo inteligente e positivo, usando a força do amor para realizar a mais excelente das obras humanas: a nossa transformação interior.

Ao expandir a consciência e ao tornar-nos cada vez mais sensíveis às necessidades do mundo, não é raro que nos sintamos impulsionados a participar de obras sociais. Há tantas frentes por atender, tanta necessidade e tanta dor, que brota de nosso coração o formoso sentimento de dar o nosso tempo e energias para ajudar. É bom participar destas obras de bem que aliviam o sofrimento humano. Entretanto, estejamos atentos para não abandonar a riqueza de viver comprometidos com nossa missão. A fonte de nossa força, a compaixão que se desperta em nosso coração, são frutos das práticas ascético-místicas do caminho da renúncia. Estas práticas que, muitas vezes, podem parecer-nos rotineiras e áridas são, na verdade, o reator interno que dá sentido e direção a nossa intenção e potencializa nossa vontade.

A reserva de energias nos permite gestar novos campos de possibilidades para o ser humano. Trabalhar, de modo consequente e efetivo sobre os nossos pensamentos, sentimentos e ações, é desvelar o potencial de nosso ser. Ter controle sobre nossos pensamentos nos permite dispor de energia; usar esse poder para orientá-los e construir um ambiente interior de paz e de quietude é uma contribuição efetiva que podemos fazer, em todo momento. Descobrir em nosso interior como manejar a força de nossas emoções é outro campo específico no qual temos que realizar um detalhado e amoroso trabalho.

Dar amor, amizade e compreensão, resultado da transmutação de nossas energias, é uma forma de mostrar que cada ser humano conta com a possibilidade de construir, de maneira harmônica, a sua vida, entrelaçada com a dos demais. Quando, por nosso sentido de participação com o mundo, realizamos uma obra social desta natureza, ela é duradoura e sempre redundante no bem das almas. Reservemos, então, nossas energias, porque desta reserva depende a potência da força espiritual de que podemos dispor. Nossa ajuda é, então, concreta e contundente porque, mais que pedir para dar, fazemos de nosso amor o motor que move o nosso fazer.

Cumprir a nossa vocação, indubitavelmente, gera fé nas possibilidades do ser humano, porque a energia bem usada nos permite realizar, paulatinamente, o nosso ideal. Os ideais deixam de ser sonhos ou quimeras e se cumprem passo a passo. Vemos um caminho percorrido, tanto em nossa vida, quanto no Corpo Místico que integramos. Cumprir nossa vocação produz efeitos que, de um modo ou de outro, fazem-se evidentes.

Saibamos reconhecer e valorizar os efeitos que produzimos com nosso trabalho fiel e perseverante.

Fortalecemos valores ao vivê-los. Dar testemunho, como indivíduos e como grupo, através da conduta, que valores como a honestidade, a generosidade, a inclusão e a participação estão vigentes é uma força que mantém viva a fé no ser humano.

Criamos novos ambientes de confiança e de amizade ao harmonizar nossas forças interiores, ao ter em conta o efeito que provocamos com nossas decisões e ao procurar o bem comum. A confiança nasce de uma relação estável, que não varia por impulsos caprichosos ou interesses mesquinhos. Esta relação gera um vínculo de respeito e afeto que une as almas com verdadeiros e perduráveis laços de amizade.

Damos esperanças certas, porque contamos com um respaldo: as energias que sabiamente reservamos evitam-nos os desencantos das promessas que não se cumprem. Até mesmo a perseverança em nosso trabalho interior, não seria possível sem a reserva de energias que permite superar as dificuldades que se nos apresentam na vida.

Fazemos da responsabilidade um modo de viver. Somos livres para escolher, mas não estamos livres das consequências que geramos com as nossas escolhas. Na medida em que vivemos a oferenda e a

renúncia a nós mesmos, mais atraídos nos sentimos a seguir uma só linha, a responder tendo presente o todo. Nossa energia está a serviço do necessário, sem distinções. Cada um, ao transformar a si mesmo, transforma. Esta é uma mensagem que nos deu Don Santiago e é uma parte essencial da mensagem que queremos transmitir: viver o caminho de Cafh é viver comprometido com a vida, com o todo.

Perguntemo-nos: “O que faço, consolida a Mensagem de Cafh, a Mensagem da Renúncia?” A ideia de compromisso deixa de ser um peso, quando surge do amor, ao escolher o efeito que se quer provocar na vida, no universo, no entorno, nas outras pessoas, nos seres vivos.

É possível tornar realidade nossos mais sublimes sonhos de união com a Divina Mãe, com as almas. Concretizemos este anseio de participação, usando a energia potencial de nosso ser. Abramos nossas mãos para dar esta força espiritual reservada, a qual não deve ser entendida como um recurso próprio, mas do universo. Levemos a cabo essa obra social, por excelência, que é uma missão assumida por amor. Demos um passo depois do outro nesta direção; construamos, um após outro, pensamentos de união; liberemos, um após outro, sentimentos de amor. Este é um convite para não cessar a maravilhosa tarefa de transmutar a mente em matéria e a matéria em mente, ao cumprir a nossa missão de oferecer-nos.

Revitalizar os valores interiores
Décima Primeira Ensino

Extrato da Alocução de Abertura 2011

Os relevantes acontecimentos ocorridos neste ano no mundo me levaram a refletir profundamente sobre o importante valor que tem para a humanidade o trabalho interior de desenvolvimento que os Filhos e Filhas de Cafh realizamos.

Ficamos impactados pelas tragédias que aconteceram ultimamente devido a fenômenos naturais como terremotos, tsunamis, tornados, inundações e as lamentáveis consequências que estes fatos acarretam, muitas vezes por anos. Estas catástrofes nos deixaram, junto com a dor, um valioso ensinamento, ao mostrar-nos com toda a crueza a fragilidade do ser humano, de nossas obras e de tantos bens materiais em que nos apoiamos. De repente, tomamos maior consciência tanto da nossa pequenez e fragilidade quanto da de nosso lar, a Terra.

Por outro lado, a dor, a violência e o sofrimento, produzidos pelo colapso dos sistemas de poder, mostram-nos tudo o que ainda falta a nós, seres humanos, para alcançar uma convivência harmônica, para reconhecer-nos uns aos outros, para respeitar-nos, para ocupar um lugar e não dois.

Em nossas atividades habituais, apoiamo-nos fortemente na noção de que somos indivíduos separados dos demais, com nossos interesses particulares, muitas vezes opostos aos dos outros. Ainda que soe repetitivo, esta é uma realidade sobre a qual necessitamos continuar trabalhando. Nem sempre nos mantemos conscientes de que formamos parte da humanidade, tampouco conseguimos levar isto em conta em todas as nossas escolhas e decisões. Não é fácil integrar à nossa vida cotidiana a evidência de que somos parte de um mundo que todos compartilhamos. Muitas vezes, são as grandes tragédias que ocorrem na humanidade as que nos levam a refletir sobre a fragilidade de nossos apoios. Localizam nossa situação pessoal e de grupo em um contexto maior do que o habitual para nós. Isto nos leva a reconhecer que os valores interiores são a única coisa segura com a qual podemos contar.

Uma vez mais, reconheço o valor do proveitoso trabalho de desenvolvimento que estamos realizando todos os dias de nossas vidas. É com esse trabalho que conseguimos fazer com que as nossas compreensões não sejam só uma resposta para as tragédias que estremecem o nosso cotidiano, mas o resultado da expansão de nossa consciência, de nosso amor e de nosso sentido de participação e de responsabilidade. Desenvolver-nos implica compromisso, trabalho efetivo e sem tréguas. E temos de realizar este trabalho de forma individual e como Grupo. Tenhamos em conta, em nossa vida cotidiana, os seguintes aspectos para que o intercâmbio de ideias, de conhecimento, de experiência no Grupo que integramos, seja fecundo e proveitoso.

Dialoguemos

O diálogo, por não desgastar a nossa energia em confrontos, torna-se um fecundo gerador de ideias, projetos, possibilidades, abertura e aprendizagem. Cada um pode expressar o que dificultou, ajudou ou estimulou a tarefa de desenvolvimento. Devemos ver que resultados obtivemos nessa tarefa e, com base nesses dados, gerar novos enfoques para melhorar o modo de transmitir a nossa mensagem e conseguir resolver situações problemáticas sem ser displicentes ou permissivos. Não são as mudanças nem as circunstâncias difíceis o que deve nos alertar, mas a complacência, o descuido, a indiferença. O importante é encontrar modos de solucionar as dificuldades sem afastar-nos de nossos princípios. Poderíamos fazer uma comparação com o que se faz em engenharia para melhorar o trajeto de um caminho. Busca-se eliminar as curvas perigosas, atenuar as subidas mais íngremes, criar superfícies de rolamento adequadas, estabilizar encostas para evitar deslizamentos, construir pontes ou túneis para encurtar distâncias, mas não se muda a direção do caminho. Não se muda o destino.

Não nos esqueçamos quando dialogamos de que todo o nosso trabalho está assentado sobre o aprofundamento de nossa vida interior. É aí que devemos buscar a nossa fonte de inspiração, a nossa força, o impulso para a busca da liberdade interior. Se olhamos para um edifício, estando fora dele, e nos dizem que subamos ao segundo andar, talvez nos pareça impossível fazê-lo, porque vemos somente um muro vertical diante de nós. Mas se abrimos a porta e subimos as escadas, em poucos minutos estamos lá em cima. E se as nossas pernas não respondem e vemos um elevador, basta abrir uma porta e apertar um botão, e subimos. Ocorre algo similar na vida espiritual. Às vezes podemos ficar parados porque pensamos que não conseguimos ir além. Talvez até procuremos onde apoiar-nos para esperar que alguém venha nos ajudar e nos levar adiante, quando somente precisaríamos ir ao interior de nosso ser para descobrir, como verdadeiros buscadores, que temos todas as possibilidades a nosso alcance.

Trabalhem em equipe, sem perder de vista que somos um Corpo Místico

Busquemos o resultado sinérgico que supera a simples soma de indivíduos que conformam um grupo. Ainda mais em nosso caso, já que nos unimos para trabalhar em equipe por um ideal que nos transcende.

O trabalho em equipe nos estimula, completa-nos e nos ensina a nos harmonizar com os outros e a pensar nos outros. Induz-nos, entre outras coisas, a compartilhar, a deixar de ocupar um papel de protagonista, para ser mais um no grupo. Dá-nos oportunidade para dar lugar a outros, para desenvolver paciência quando o ritmo de outros difere do nosso, para aprender a ceder em vez de ser impulsionados apenas pelo que nos agrada ou nos parece melhor. Ao consolidar-nos como equipe, desenvolvemos espírito de solidariedade e de companheirismo e aprendemos a assumir responsabilidade pelo grupo, em vez de culpar os outros por algum engano.

O trabalho em equipe consolida nossos laços de amizade e nos ensina que todos somos úteis, mas que ninguém é indispensável. Por outro lado, como as equipes geralmente só se formam para cumprir um propósito determinado, o normal é que os membros da equipe se desvinculem após haverem cumprido o que se propuseram. Em nosso caso não é assim. Nossa participação em Cafh é plena; por isso vamos mais além de sentir-nos somente como uma equipe e funcionamos como Corpo Místico. Ao ter consciência de ser um Corpo Místico e agir em consequência, mantemos uma união permanente entre nós. Essa consciência de ser um corpo faz com que nos consultemos, comuniquemos e informemos mutuamente, não mais por obrigação, mas pela necessidade de completar-nos com a contribuição do corpo que integramos e com o qual nos identificamos. Por outro lado, o que sustenta a união em um Corpo Místico não são objetivos passageiros, mas um objetivo que abarca a vida inteira. Por esta razão, ao identificar-nos com os princípios que sustentam o Corpo Místico, transformamo-nos em referências e representantes do mesmo.

Coloquemos em ação nossa capacidade criadora

Além de nossa capacitação, idade ou condição física, todos temos uma capacidade criadora que podemos ativar. Não pensemos que somente podemos contribuir expondo grandes ideias. Uma ideia, uma vivência, uma compreensão, por humilde que nos pareça, contribui para o enriquecimento do grupo e do que fazemos. Alguns sabem como ajudar outros a se expressar, outros têm habilidade para organizar ideias, aptidão para resumir ou sintetizar, capacidade para buscar acordos; outros mais para dar um toque de bom humor ou para alentar os demais. Ao participar, sem nos excluir nem excluir os outros, poderemos integrar nossa contribuição ao Corpo Místico para levar adiante a Obra de Cafh.

Necessitamos contar com Filhos e Filhas que sejam referências. Sua presença ativa é importante. Precisamos levar as almas a se enamorarem dos princípios de Cafh dando testemunho, com nossas próprias vidas, do que estes princípios geraram em nós. Nossa atitude de serviço às almas tem que ser evidente e nosso entusiasmo, contagioso. O espírito de oferenda não nos permite deter-nos. Caminhamos em paz, com o coração sereno, mas sem deixar de ver, nem por um instante, como

tornar mais efetiva nossa participação em nossa família, em nossa Comunidade, em nossa Távola, em nosso ambiente profissional e social, como parte de uma humanidade em evolução.

Recordemos que o regulamento de Cafh nos define como almas que buscam sua liberação interior

Cabe, então, perguntar-nos se temos plena consciência de sermos buscadores. O que implica ser um buscador e como cultivamos e promovemos esse espírito em nós mesmos? Um buscador está em busca de algo que vivamente quer encontrar. Sem deter a sua marcha, pergunta-se o que há por detrás do horizonte, porque está disposto e determinado a transcender os seus próprios limites. Visualizamos o buscador como alguém muito ativo, que não se conforma nem se rende enquanto não encontrar o objeto de sua busca. Sustentam-no a fé, a esperança e o seu compromisso, e o mantém em seu rumo a perseverança. Tem um objetivo claro que o impulsiona, não de forma circunstancial, mas permanente. Utiliza e desenvolve todos os meios a seu alcance para alcançar o seu fim e não poupa esforços. Mantém-se sempre alerta e atento porque se fixa interiormente em uma ideia regente que lhe mostra onde está o seu objetivo, para alinhar sua intenção e sua vontade em sua procura. Não se distrai nem se afasta de seu objetivo, porque não presta atenção a outros chamados. Aprende a detectar os primeiros sinais que lhe permitem evitar os desvios inúteis. O buscador está centrado no que aspira a fazer de si mesmo.

Convido-os a que nos projetemos adiante e a orientarmos o nosso olhar para o nosso interior. Busquemos, no profundo de nosso coração, o que limita nosso amor e busquemos também ali a força para liberar-nos dessas limitações. Não há dúvida de que a medida de nossa união com o divino é dada por nós mesmos, através da consumação de nossa oferenda.

Viver sem depender interiormente das circunstâncias
Décima Segunda Ensino

Alocução de Encerramento 2011

Os seres humanos desejamos ser felizes, amar os demais, viver em um mundo onde reine a paz, onde não exista fome, nem dor, nem guerra, nem segregação, nem incompreensão. Desejamos, além disso, ter estabilidade anímica para que nada nos perturbe nem nos angustie. Desejamos um planeta limpo, verde, sem contaminação, para que todos possam desfrutá-lo. Desejamos ser livres.

Temos a certeza de que os seres humanos contamos com inúmeras possibilidades, por isso temos fé em que poderemos fazer de nossos sonhos de bem uma realidade. O amor à liberação interior nos levou a empreender o caminho.

Sentimos que a força da vocação nos impele a buscar esse estado de liberação interior que nos abre a porta para uma vida plena, para além do circunstancial e passageiro. No entanto, e apesar de haver comprometido nossa vida com este ideal, nem sempre conseguimos ver com clareza como tornar efetiva essa liberação. Talvez seja porque a buscamos na periferia de nosso ser em vez de ir à profunda morada interior do coração, onde este processo se inicia e se desenvolve.

Façamos uso dos meios com que Cafh nos brinda para adentrar-nos em nosso coração, para fixar-nos interiormente. Apoiemo-nos na oração, que mantém vivo o anseio de dar-nos; no exercício de meditação, que nos ensina a ir ao encontro de nós mesmos; no método, que nos ajuda a ordenar nossas vidas e a priorizar o espiritual.

Começamos por ter clara a diferença entre desejar algo e querer algo. Só desejar a liberação é ficar no mundo dos sonhos, das aspirações. Em troca, querer a liberação é decidir-se resolutamente a consegui-la. Quando o ser humano quer algo, por si mesmo se encaminha para o que busca; coloca-se em marcha deixando para trás questionamentos e dúvidas. Um dia, os seres humanos sonhamos poder voar; hoje vemos que não só realizamos este sonho, senão que fomos além e nos aventuramos no espaço exterior. Isto foi possível graças àqueles que quiseram tornar estes sonhos uma realidade e buscaram a forma de concretizá-los.

É muito bom ter a ousadia de alimentar sonhos de bem, porém, se queremos contribuir para que esses sonhos se realizem, temos que partir de uma base de trabalho segura. A vida nem sempre responde a nossas expectativas, por isso é fundamental que aprendamos a desenvolver *flexibilidade mental* para ser criativos e gerar respostas adequadas às exigências de uma realidade sempre nova. Uma mente flexível nos permite *aceitar a realidade* –a própria e a do entorno– para, a partir daí, cultivar uma atitude responsável que nos permita dirigir a nossa vontade para o fim que escolhemos. Isto requer *honestidade*, quer dizer, ter a fortaleza de não nos enganarmos, por mais dolorosa que seja a realidade com a qual nos deparemos.

Aprendamos a liberar-nos interiormente fazendo da flexibilidade mental uma expressão de nossa renúncia.

Os homens e as mulheres que foram pioneiros em ir para o espaço nos mostram como fizeram para superar limites. Não só tiveram que adaptar seu organismo a condições extremas, mas também fazer algo ainda mais complexo. Tiveram que capacitar-se mentalmente para resistir ao confinamento em uma nave que viajaria, durante dias no espaço, em meio a uma grande incerteza. Sabiam que iam incursionar em uma realidade nunca antes experimentada; além disso, tinham que estar prevenidos porque, em qualquer momento, as condições tão cuidadosamente planejadas poderiam ser alteradas. Algo poderia colocar a nave em perigo e, com ela, as suas vidas e todo o projeto. Em momentos críticos, necessitamos flexibilidade mental para que, em lugar de ficar paralisados pelo pânico, possamos localizar-nos imediatamente em outra situação que requer novas respostas. Durante um tempo, vamos por um caminho conhecido até que ocorra alguma mudança inesperada. Se nos preparamos para abrir a nossa mente ao que é diferente, à percepção de que a realidade nem sempre

responde a nossas expectativas, ou seja, a ter flexibilidade mental, essa mudança somente significará um novo desafio e não nos desviará de nossa rota.

A flexibilidade mental nos permite estar presentes em cada lugar e momento em que nos encontremos e, ao mesmo tempo, permanecer na presença divina, desenvolver plenamente a nossa individualidade e ser conscientes de formar parte de um todo maior. Ajuda-nos a desenvolver a capacidade de tomar e deixar, de adaptar-nos às mudanças sem perder a visão do que somos e para onde vamos. Também nos capacita para reinterpretar as experiências negativas e transformá-las em ensinamentos positivos. Temos que ter em conta que desenvolver flexibilidade mental não há de nos levar a ser arrastados de um lado para o outro, como uma folha levada pelo vento, sem destino. Ao contrário, libera-nos da tirania do apego a ideias ou a pontos de vista. Isto nos permite compreender diferentes visões do mundo e da vida, sem no entanto perder o nosso rumo nem confundir as nossas ideias.

A flexibilidade mental não é indiferença nem falta de compromisso, tampouco fragilidade que nos leve a seguir os demais para não nos fazermos responsáveis por nossa própria vida. A flexibilidade mental, pelo contrário, permite-nos ter claros os nossos princípios, ser fiéis a nossa vocação, estar totalmente comprometidos com a Obra de Cafh e, ao mesmo tempo, estar abertos a outras ideias e formas de pensar, sem no entanto entrarmos em contradições ou conflitos.

A flexibilidade mental, fruto de um trabalho constante e metódico sobre nós mesmos, torna-nos livres para caminhar de mãos dadas com a vida. Tomar conhecimento profundo de nós mesmos, como resposta a nosso anseio de liberação interior, também requer valentia, decisão, coragem e confiança em nós mesmos. Desta maneira, abrimos caminho em nosso desconhecido mundo interior. Seria lamentável que, por causa de nossas atitudes rígidas, seja a vida a que nos arraste para que avancemos. O lógico é andar no ritmo dela. Se não o fazemos, a vida se apresenta a nós como uma ameaça, como uma força avassaladora que não nos dá descanso nem paz.

Quando vivemos com flexibilidade mental aprendemos a ser ágeis; isto é, a estar atentos tanto ao que ocorre em cada momento em nosso interior como em nosso entorno. Ao mesmo tempo, aprendemos a responder de maneira equânime às mensagens que a vida nos dá. É por isso que necessitamos estar livres das amarras do passado, porque elas nos obrigam a caminhar repetidas vezes pelas mesmas velhas pegadas. Ideias feitas sobre as pessoas ou sobre as coisas, nostalgias de momentos vividos, complexos psicológicos adquiridos, ressentimentos pelo que sofremos, tudo isto são impedimentos para viver com frescor e abertura o que o presente nos oferece. Vejamos o passado como nossa riqueza, já que tudo o que experimentamos e compreendemos nos proporciona elementos para discernir e escolher sabiamente no presente. Apoiados em nosso objetivo divino, plasmemos nossas aspirações no presente para que nossos anseios e o que vivemos, nossos ideais e nossa realidade, não sejam polos separados e distantes. Ao viver com flexibilidade mental já não há contradições: não perdemos consciência de nossa individualidade e tampouco deixamos de saber-nos parte de um todo maior; nossas escolhas de vida estão em função de nosso desenvolvimento e, ao mesmo tempo, em função do bem comum. A flexibilidade mental nos permite ver o que ocorre e o que nos ocorre e, ao mesmo tempo, ver que continuamos sendo o que somos essencialmente.

Aprendamos a liberar-nos interiormente aceitando a realidade tal como é, sem temores.

A mudança radical ocorrida nos últimos anos em nossa vivência do tempo e do espaço –que vêm se comprimindo aceleradamente– requer de nós uma rápida e permanente adaptação interior e exterior. Este processo, se não sabemos manejá-lo, pode levar-nos a viver em uma contínua tensão que finalmente nos angustia e asfixia. No entanto, se conseguimos fixar-nos firmemente em nosso centro de estabilidade interior, podemos aprender a aceitar a realidade tal como é e adaptar-nos à mudança sem desestabilizar-nos. A atitude de aceitação nos permite reconhecer e acomodar-nos rapidamente à realidade em contínuo devenir. Acima de tudo, ensina-nos a conservar nossa paz mental e emocional e, além disso, a alcançar plenitude interior, porque não nos identificamos com as variantes imprevisíveis que acontecem na vida.

Falamos aqui de uma aceitação que, em vez de mergulhar-nos no desalento, porque não visualizamos uma saída ou outra possibilidade, fecunda nossa criatividade ao evitar que percamos energia mental e emocional. A aceitação, como reconhecimento pleno da realidade, não gera resistências nem ressentimentos. Ao contrário, confere tanto a capacidade de olhar para frente sem temor como a clareza para discernir os passos a seguir frente aos fatos que se sucedem.

A aceitação nos permite reservar as energias que gastaríamos em abatimento e em lamentações estéreis, e utilizá-las para gestar soluções úteis, tanto para o nosso próprio desenvolvimento como para o bem estar da sociedade em que vivemos. A rapidez com que aceitamos a realidade reflete nosso grau de renúncia. Se observarmos nossa conduta no que se refere à análise de nossos desacertos, poderemos comprovar quanto tempo e energia gastamos em defender-nos, justificar-nos e buscar elementos que atenuem nossos erros. Quanto ganharíamos e simplificariamos se admitíssemos os fatos tal qual ocorreram. A aceitação da realidade nos permite assumir as consequências de nossos atos e seguir em frente.

Incorporar a aceitação como uma atitude de vida nos permite continuar desenvolvendo-nos, sem ficar aferrados ao passado. Por outro lado, é necessário ter claro que não se trata de cultivar uma atitude irresponsável que nos leve à insensibilidade ou à indiferença de seguir em frente como se nada houvesse acontecido. É, pelo contrário, assumir completamente qualquer circunstância para transformá-la em um desafio, em uma experiência de aprendizagem, de trabalho e de enriquecimento. Cultivada desta maneira, a aceitação, em vez de conduzir-nos à inação ou à inoperância, induz-nos a fazer uma análise de cada situação, a ver com o que contamos e a seguir em frente com uma atitude sadia e de proveito para todos. A partir desta atitude de aceitação do acontecer da vida, toda experiência se integra e se transforma em uma oportunidade de desenvolvimento.

A aceitação nos permite enfrentar com integridade e proveito as circunstâncias que vivemos. Isto significa que não alimentamos as variações mentais e emocionais que podem ser produzidas em nós pelos fatos que nos acontecem ou nos afetam. Ao deixar de depender do que nos causa prazer ou sofrimento, do que nos provoca angústia ou do que nos desperta expectativas, aprendemos a viver plenamente cada instante de nossa existência. Entende-se que nem por isto vamos ser frios ou indiferentes, mas exatamente o contrário, já que o desenvolvimento espiritual expande a nossa consciência e, com ela, a nossa sensibilidade.

Viver sem depender das circunstâncias nos ensina que qualquer condição, por extrema que seja, pode converter-se em precursora de uma experiência transformadora. Pouca sabedoria demonstraríamos, seguindo cegamente os caminhos do rancor, do ressentimento ou da frustração. Quando contamos com a paz mental que nos dá o não depender das circunstâncias, aprendemos a adaptar-nos à vida e a descobrir em cada situação seu potencial de desenvolvimento.

Aprendamos a liberar-nos interiormente sendo honestos com nós mesmos.

Ao buscar superar nossas limitações para conseguir realizar nosso anseio de liberação interior, pode ocorrer que nos custe aceitar a realidade que passo a passo descobrimos em nós mesmos e busquemos ignorá-la ou encobri-la. Temos que ter presente que sem honestidade não pode ocorrer o processo de transformação. Que resultado podemos esperar se trabalhamos sobre uma base falsa? Em algum momento o terreno cede e o edifício vem abaixo. Se tomarmos o exemplo dos astronautas, seres humanos como nós, e vermos o pesado treinamento pelo qual tiveram que passar, damo-nos conta de que eles também tinham suas limitações, temores, dúvidas e mesquinhasias a vencer. Se não tivessem reconhecido suas debilidades com honestidade, não teriam conseguido treinar-se para superá-las e teriam posto em risco um projeto que custou incontáveis esforços de muitíssimos seres humanos.

Muito se tem falado e escrito sobre conhecer-se a si mesmo. No entanto, somente aqueles que tomam sobre si mesmos o compromisso de trabalhar sem rodeios nem dilações sobre o conhecimento de si mesmos, conseguem superar suas limitações. Conhecer-se, a partir de nossa

perspectiva, implica não só tomar consciência, mas também assumir o compromisso de realizar as ações necessárias para desenvolver-se. No processo de reconhecer o que descobrimos em nós mesmos, as expectativas que outros têm de nós podem chegar a inibir-nos. Porém podem inibir-nos ainda mais as expectativas que nós criamos para nós mesmos. É por isso que a primeira ação necessária para alcançar um resultado efetivo é desenvolver honestidade. Se a intenção que nos move é buscar a liberação interior, pouco a pouco poderemos abordar a nossa própria realidade, para além da inquietude que pode provocar em nós ir ao encontro de uma parte de nós mesmos que não conhecemos ou não queremos conhecer.

Às vezes nos encontramos frente a atitudes e decisões que tomamos e que contradizem o ideal ao qual consagramos a nossa vida. Refletir sobre as motivações que nos movem a fazer ou deixar de fazer algo, a cumprir ou deixar de cumprir algo pode ajudar-nos a descobrir o que está por detrás de uma ação. Entretanto, só isto não nos dá a segurança de que não vamos continuar agindo da mesma maneira. A reflexão e a análise, por si mesmas, não são agentes transformadores; são uma ajuda, um meio, nada mais. Podemos usar estes mesmos meios para desenvolver um pensamento lógico que nos permita sustentar desejos, ações e sentimentos que não poderíamos justificar se tivéssemos uma atitude honesta. A honestidade implica que não há discrepância entre os pensamentos, as palavras e as ações de uma pessoa. Para conseguir esta integridade entre nossa ação exterior e o que vivemos em nosso interior, temos que ser honestos com nós mesmos. Para isso é necessário que possamos examinar o grau de nossa honestidade interior e aceitar o que vemos. Se conseguimos fazê-lo, fortalecemo-nos e desenvolvemos sabedoria e estabilidade. Fazemo-nos aptos para transmitir uma mensagem de vida, já que quem é honesto inspira fé e ganha a confiança das pessoas. Por outro lado, a honestidade é tão claramente perceptível como um céu diáfano, já que é visível em todo nosso agir e nos proporciona uma paz interior que chega aos demais.

Um dos fatores que vão contra a honestidade consigo mesmo é o apego. O apego cria obstáculos e nos impede de ser objetivos quando tratamos de reconhecer a realidade. Como consequência, prevalece em nós o interesse por proteger, defender e favorecer o objeto de nosso apego e não conseguimos ser justos e tampouco agir em prol do bem comum. A pessoa honesta consigo mesma reconhece o valor da interdependência, o que a leva a não malgastar, abusar nem desperdiçar os recursos destinados ao bem estar da humanidade. Não só isso, mas também não se considera no direito de dispor dos seus próprios recursos, tais como sua mente, corpo, riqueza, tempo, talento ou conhecimentos. Sabe que, por mais que se tenha esforçado por mantê-los ou desenvolvê-los, os frutos que obteve são, em grande parte, também o resultado do esforço e da oferenda de muitos outros seres humanos.

Permaneçamos fixos em nosso templo interior, não percamos de vista o nosso destino transcendente, o qual nos permite que a nossa vontade responda à nossa consciência. O fruto desta fixação é uma expansiva e transformadora liberdade interior.

Convido-os a aceitar o desafio de renovar, dia a dia, o entusiasmo para fazer de nosso coração um templo, um centro espiritual que não somente irradie paz e plenitude, mas que também possa transmitir o sentir de uma vida dedicada à busca da liberação interior, para que esse sentir possa alimentar todas as almas.

As Categorias
Décima Terceira Ensino

Extrato da Alocução de Abertura 2012

De forma recorrente, nos últimos anos não poucos Filhos perguntam por que não se organizam retiros dos quais possam participar Filhos e Filhas de qualquer grupo ou categoria, ou qual é a necessidade de que grupos distintos ou de diferentes categorias façam reuniões separadas, ou por que os Cavaleiros e Damas de Solitários não podem participar da Assembleia de Plenilúcio. Alguns Filhos sentem que as categorias ou os grupos criam uma separação entre os membros de Cafh. É por isto que creio que é conveniente refletir sobre as categorias em Cafh, para que todos tenhamos clara sua razão de ser.

Quando da fundação de Cafh em 1937, os diferentes grupos eram formados de acordo com o compromisso que seus membros assumiam através de seus votos. No Regulamento de 1949 foram formalmente estabelecidas as categorias que hoje conhecemos.

As categorias respeitam nossa liberdade de escolher o compromisso que queremos assumir, o lugar que queremos ocupar na Obra de Cafh e a força que desejamos imprimir à nossa oferta de vida. As categorias, em Cafh, não têm relação com ser mais ou ser menos, com haver alcançado mais ou menos desenvolvimento. Sim, têm relação com a forma como cada um decide viver sua vocação, pois é cada alma quem há de decidir como deseja responder ao chamado para desenvolver-se; isto é feito através do voto que decide emitir. Cafh nos oferece diferentes opções de acordo com a intensidade e disponibilidade com que queremos viver nossa vocação. Podemos escolher viver o caminho da Renúncia através da renúncia de gostos, como Patrocinado; de bens, como Solitário; de vida, como Ordenado.

A categoria de Patrocinados nos põe em contato com o método e a ensinância de Cafh; aplicamos esse conhecimento à nossa vida diária, de acordo com nosso critério. Aprendemos, entre outras coisas, o valor do cerimonial, a importância do trato respeitoso entre os membros do grupo e o sentido da atitude reverente que mantemos na reunião semanal. Nossas obrigações regulamentares são mínimas e nos é recomendado conhecê-las. A ensinância que recebemos destina-se a alimentar nosso anseio de liberdade interior, a que aprendamos a conhecer as ferramentas que Cafh nos oferece e a aplicá-las em nossa vida na medida em que cada um assim o decida. A vivência deste compromisso –que sintetizamos em renúncia de gostos– manifesta-se em nossa vida cotidiana em alcançar eficiência no trabalho que realizamos, pois vamos aprendendo a evitar a dispersão e os desgastes emocionais inúteis; em desenvolver o hábito de escutar mais do que falar, pois preferimos que nos conheçam pelo que somos e evidenciamos, mais do que pelo que falamos; em aprender a dar espaço aos demais ao limitar o próprio espaço; em acostumar-nos a gerar pensamentos de bem e a cultivar a discrição. Desta maneira, aprendemos a manter-nos conscientes de nossa vocação de desenvolvimento, atentos ao que fazemos ou deixamos de fazer e a descobrir paulatinamente o sentido que damos à nossa vida. Mas, sobretudo, vamos nos tornando conscientes do efeito que produzem as decisões que tomamos.

O voto de silêncio que emitimos nos permite aquietar paulatinamente as vozes interiores que nos confundem e penetrar no profundo de nós mesmos para conhecer-nos e assenhorear-nos de nosso ser. Entendemos que, para dar algo, temos que saber o que temos para dar. Não podemos dar o que não temos. Silenciar aos poucos tudo o que confunde nossa mente e nosso coração vai nos revelando as maravilhas de um novo mundo, o mundo interior. Descobrimos que temos asas para voar, mas, ao mesmo tempo, aprendemos a ver os fios que enredam essas asas e nos impedem de movê-las com liberdade. Estas compreensões vão fazendo surgir a ineludível necessidade de liberar-nos do que nos trava, do que nos limita, do que nos detém. Entendemos que, para levar uma mensagem, temos que nos consubstanciar com ela. Cada vez mais, vai se definindo em nós a necessidade de desenvolver-nos. Essa força interior que nos impulsiona com determinação rumo à

busca de nosso desenvolvimento, é o único bem realmente nosso com que podemos contar sempre para poder oferecer-nos a todas as almas. É por isto que emitimos o voto de fidelidade de forma solene ou perpétua, de acordo com o compromisso que desejamos assumir com Cafh e com a nossa disponibilidade para promover a Obra de Cafh. Este é o âmbito de desenvolvimento de Patrocinados.

Podemos escolher desenvolver-nos neste âmbito de trabalho interior ou sentir a necessidade de comprometer mais ainda nosso tempo e nossas energias, porque entendemos que os frutos do caminho da Renúncia são uma verdadeira solução para os males do mundo. Não só tomamos consciência de todos os benefícios que recebemos e do privilégio que significa pertencer a uma reunião de almas que buscam sua liberação interior, senão que também desperta em nós a necessidade de comprometer-nos mais a cumprir o que Cafh propõe. Ao fazê-lo, expressamos nossa fé em que este é o nosso Caminho, o que nos permitirá desenvolver-nos plenamente. Em consequência, comprometemo-nos a aderir a seus princípios e a cumpri-los. É por isto que, na categoria de Solitários, além do trabalho intenso que realizamos em nós mesmos ao cumprir nosso voto de silêncio e fidelidade, buscamos consolidar nossa oferta através de um voto de obediência ao Cavaleiro ou Dama Grande Mestre de Cafh; compreendemos que necessitamos conjugar esforços para promover a Obra de Cafh. Através da direção espiritual, vamos aprendendo a liberar-nos da vontade de prevalecer; isto nos permite iniciar o caminho para o exercício de um sábio discernimento que nos move a usar a vontade para realizar a ação necessária e justa. Alguns frutos da prática da obediência são, como assinala o Regulamento: *“A descrição, a paciência, o companheirismo, a capacidade de escutar, de alcançar autodomínio, de cumprir os propósitos, de compreender a alma humana e de ter uma visão de conjunto”*. Através da renúncia de bens, aprendemos a deixar de viver em função de posses, sejam estas materiais, mentais ou espirituais, para desenvolvê-las como meios que nos conduzem paulatinamente a viver uma vida de oferta, a serviço das almas, em uma ativa participação na Obra de Cafh. Este é o âmbito de desenvolvimento dos Solitários.

Podemos escolher desenvolver-nos neste âmbito de intenso trabalho interior e de uma ativa participação na Obra de Cafh ou comprometer toda a nossa vida para realizar este propósito. Sentimos a segurança de que, através de nosso próprio desenvolvimento, da expansão da nossa consciência, estamos desenvolvendo uma verdadeira obra social que contribui com frutos duradouros para a sociedade. Decidimos, então, ingressar em outro âmbito de possibilidades: a categoria de Ordenados.

A categoria de Ordenados implica renúncia de vida. Esta escolha pode ser realizada participando de Tábulas de Ordenados que vivem em suas residências particulares ou participando de Tábulas de Filhos e Filhas celibatários que vivem em Comunidade. O voto é o mesmo; o modo de vivê-lo é o que muda. Os que decidimos nos ordenar, oferecer a vida à Obra de Cafh, sabemos que isto implica colocar o tempo, a energia, a experiência, o saber, as possibilidades nas mãos da Divina Mãe. E isto não deve ser interpretado como o desejo ou o anseio de fazê-lo. É nossa obrigação responder ao compromisso que assumimos concretizando nossa oferta de maneira efetiva na vida cotidiana. Não importa se desempenhamos ou não uma função de condução em Cafh; não é para ter uma função que nos ordenamos. Referendamos nossos votos de silêncio, fidelidade e obediência e damos o voto de renúncia a nós mesmos porque quisemos nos comprometer por toda a vida com nós mesmos e com a Obra de Cafh. Recordemos o que menciona o Regulamento de Cafh a respeito desta categoria, meditemos sobre seu significado e entreguemo-nos com todo nosso ser para cumprir com o compromisso que assumimos com completa liberdade e por amor às almas.

Diz o Regulamento: *“Os Ordenados que vivem em suas residências particulares expressam sua oferta e renúncia a si mesmos consagrando suas vidas a promover a Obra de Cafh na sociedade, acompanhando as almas no processo de seu desenvolvimento espiritual, criando centros de expansão da Ensino através de suas vidas de serviço à comunidade social em que vivem e atendendo às necessidades dos membros das Tábulas, quando forem designados para isto.”*

Para os Ordenados que vivem em comunidade o Regulamento menciona: “A Ordenação implica vida de oferenda e de completo renunciamento a si mesmo. A renúncia efetiva, imediata e definitiva a bens, afetos e vida em família dos Ordenados que vivem em Comunidade gera uma força espiritual que vivifica a vocação espiritual de todos os membros de Cafh e alicerça a Obra de Cafh no mundo. Por isto, as Comunidades de Ordenados são uma parte vital e indispensável no Corpo Místico de Cafh. Elas mantêm presente a Mensagem da Renúncia e expressam as possibilidades inerentes a sua realização”.

Como se pode observar, as obrigações regulamentares que cada Filho ou Filha assume, de acordo com a Categoria e o Grupo ao qual escolhe pertencer, são diferentes. Deste fato deriva a formação dos Filhos e Filhas. Por exemplo, a orientação que se dá às ensinanças que os Patrocinados recebem estimula o amor pelo desenvolvimento. A que os Solitários recebem está dirigida para fortalecer seu trabalho ascético-místico. A ensinância que os Ordenados recebem destina-se a fortalecer sua oferenda de vida e a manter uma consciência permanente do compromisso assumido, porque desta consciência depende a oferenda efetiva de vida.

Cada Filho ou Filha pode desenvolver plenamente sua vida espiritual na categoria que escolheu. Estar em um lugar e querer viver no âmbito de outro consome as energias que nos comprometemos a usar para o desenvolvimento interior. Alcançamos plenitude quando aprendemos a tomar nossas decisões, especialmente aquelas transcendentais por seu impacto direto em nossas vidas, depois de haver meditado profundamente sobre as implicações do passo que vamos dar. Uma vez que o tenhamos dado, não nos resta mais do que cumprir com nosso compromisso. Ainda mais quando o compromisso foi assumido por amor, em completa liberdade e fazendo uso de nosso discernimento.

Lembremo-nos de que todos e cada um de nós formamos o Corpo Místico de Cafh e é da força de nossa oferenda que ele se nutre. Sigamos, pois, juntos, unidos por um objetivo de bem, rumo à consolidação de nosso caminho.

Fixação interior, participação, reversibilidade
Décima Quarta Ensino

Extrato da Alocução de Encerramento 2012

É um privilégio poder participar de uma reunião de almas, integrada por Filhos e Filhas que têm dedicado suas vidas para seguir um processo de desenvolvimento e que abnegadamente se oferendam para apoiar e acompanhar, de forma desinteressada, o desenvolvimento de outras almas. Tomemos consciência da contribuição que isto significa para o mundo e valorizemos muito o fato de poder formar parte deste grande conjunto de almas que, pacientemente, dia após dia, esforça-se para cumprir um método, para aprofundar sua vida interior e para expandir seu amor.

Já se passou tempo suficiente para dar-nos conta do efeito que este processo de desenvolvimento teve em nossas vidas e na vida dos que compartilharam estes anos conosco. É importante que, assim como nos empenhamos em ser eficazes em nossos trabalhos habituais, também aprendamos a realizar eficazmente nosso trabalho interior, com a plenitude que nos permite contar com um caudal de força que se renova permanentemente. Esta renovação se dá em nós pelo simples fato de saber que estamos nos oferendendo sem esperar nada em troca e se dá nos que recebem de nós porque o que chega a eles, mais do que palavras, é uma ensinância feita vida.

Ao completar 75 anos como Caminho, temos uma base muito firme sobre a qual continuar construindo. De agora em diante, é nosso compromisso dar ao processo de desenvolvimento a solidez, a transparência e o brilho de um diamante. A Divina Mãe nos convida a deixar de lado limites autoimpostos e a saltar a outro nível na expansão de nossa consciência. De cada um de nós depende que transformemos esta possibilidade em uma realidade.

As possibilidades de desenvolvimento não são algo distante que localizamos em um futuro, senão que estão conosco e em nós em cada instante de nossa vida. Talvez às vezes não demos importância às pequenas escolhas que realizamos, porque consideramos que não faz diferença fazer uma coisa ou outra, mas não é assim. Suponhamos que eu esteja em uma estação central de trens. Está dentro de minhas possibilidades decidir tomar qualquer trem. Estão todos ali prontos para partir, mas cada um leva a um destino diferente. Isto mesmo acontece em minha vida. Em cada instante tenho múltiplas opções. As múltiplas realidades coexistem como possibilidades abertas e somente eu posso determinar qual delas realizar. Exploreemos outro exemplo: estou sentado em um ônibus. Posso levantar-me e ceder o assento; posso continuar sentado; posso falar com a pessoa que está a meu lado ou posso permanecer em silêncio; posso abrir um livro e estudar ou deixá-lo fechado; posso ligar para alguém pelo celular ou deixá-lo desligado. Cada ação, a partir do instante em que a escolho, marca um caminho diferente para mim, para outros e para o mundo.

É igualmente importante estar atentos ao que escolhemos dizer. Uma vez dito algo, não se pode apagar. Ao referir-se a este cuidado com o uso das palavras, um mestre espiritual dizia: “Se firo alguém, perco um amigo potencial”. A partir de cada ação se desencadeia uma série de fatos que não teriam ocorrido se minha escolha tivesse sido diferente. É necessário ter isto sempre presente, especialmente em momentos difíceis, quando algo nos incomoda e absorve nossas energias. É quando, então, temos que elevar o olhar para a Divina Mãe e recordar que nossa vida está em nossas mãos, que somos donos de nossas respostas.

É bom tomar consciência de que cada instante conta, que cada um deles está nos dando uma oportunidade para confirmar nossa oferenda. O que me tira a paz? A que estou me entregando? O que de fato estou buscando? Tenho presente o bem de todos? Das minhas respostas depende a via que sigo. Para que nossas escolhas respondam ao objetivo que escolhemos e reforcem nossa vocação, temos que preparar-nos, fortalecer-nos, alimentar os pensamentos e sentimentos que queremos fazer crescer em nós. Sem dúvida, cresce o que se alimenta. Em qualquer circunstância temos opções de tomar caminhos diferentes. Não podemos culpar outros por nosso destino.

Escolhamos ser construtores do futuro em vez de sentir-nos vítimas do passado. Com essa consciência e essa determinação, conseguiremos fazer-nos responsáveis por nossas vidas. Para isso

nos preparamos assentando-nos em nossa doutrina de Renúncia que se expressa em Presença, Participação e Reversibilidade.

Dom Santiago nos dizia em uma Mensagem que no simples está a Ideia Única. A Ideia Única se expressa em cada ser humano como o chamado vocacional de desenvolvimento. Dom Santiago nos exortava a manter-nos em espírito de simplicidade, a reforçar o chamado vocacional retornando seguidamente a nosso objetivo. Não importa se percorremos um grande trecho do caminho ou se recém iniciamos os primeiros passos; esta recomendação é atual e válida para todos nós. Facilmente poderíamos pensar que no mundo de hoje viver em espírito de simplicidade é uma utopia; entretanto, não é assim. A fixação interior é a chave da liberação espiritual. Se aprendemos a ver a vida por uma ótica diferente da habitual, a contemplar o cotidiano com outro olhar, descobrimos a beleza na simplicidade que deixa espaço em nossas vidas para o essencial.

Ao adentrar-nos em nossa doutrina desenvolvemos a fixação interior, que leva ao estado de Presença. Busquemos o Templo de Ouro, o ponto interior no qual se assenta a chispa divina em cada um de nós. É necessário retornar ali seguidamente até transformá-lo em nossa morada. Mais que uma figura simbólica é uma possibilidade real a nosso alcance em todo momento: reconhecer a presença divina que levamos em nosso interior. Este retornar a nosso centro, que chamamos ponto de fixação interior, dá coerência à nossa vida, porque temos um ponto único de referência que ilumina nosso caminho. Com esta prática conseguimos não identificar-nos com as variações de nossos estados anímicos e de nossos pensamentos e sentimentos. Ao mesmo tempo, fortalecemos nossa verdadeira individualidade e conseguimos expressar o que realmente somos e fazer o que temos que fazer. Pouco a pouco, ao assentar-nos nos bens interiores, vamos liberando-nos de forças que arrastam e envolvem, tais como o afã possessivo, a ânsia de prevalecer, a busca de protagonismo. Já não nos conduzem os impulsos nem os preconceitos. A fixação interior nos dá liberdade. Permite-nos integrar as diferenças de modo que, em lugar do rancor, do ódio ou da separatividade que costuma aparecer em nós quando enfrentamos algo diferente do que pensamos ou queremos, geremos compreensão, aceitação e harmonia.

Ao adentrar-nos em nossa doutrina e evidenciar a expansão de nossa consciência através de atos de generosidade e amor, abrimos em nós o caminho para o estado de Participação. Para isto, é necessário trabalhar sobre a intenção e a disposição interior com que agimos. Ao não nos permitirmos contemplar os fatos da vida com indiferença, tudo nos demanda uma resposta cada vez mais comprometida. Quanto maior é a expansão de nossa consciência, mais o acontecer humano incide sobre nós. Não podemos eliminar os males do mundo, mas podemos transformar em nós as forças que provocam esses males. Podemos escolher direcionar essas forças como quem dirige a água de um rio para irrigar o que quer fazer crescer.

Uma via que nos conduz à Participação é um aspecto da prática do ato contrário. Tendemos naturalmente a defender-nos, a não querer responsabilizar-nos, a não admitir nossas faltas ou erros. Busquemos fazer-nos partícipes, assumir responsabilidade, tomar sobre nós esse peso em lugar de descarregá-lo sobre outros. Descubramos em nós mesmos a expressão do bom e do mau que vemos fora. Estudemos como se expressam em nós e contribuamos com soluções para os problemas e as dificuldades. Pratiquemos o ato contrário, detenhamos a acusação, a crítica e a culpa. Contribuamos com uma força nova, liberadora, de ideias criativas, de resolução, de melhoria.

Ao adentrar-nos em nossa doutrina e trabalhar para ser cada vez mais inclusivos, descobrimos a unidade nos pares de opostos. A reversibilidade nos dá a flexibilidade que nos permite quebrar as estruturas mentais que definem a realidade dentro de duas possibilidades, branco ou preto, sem levar em conta a infinita gama de cores no espectro. A prática da reversibilidade nos capacita para ter ideias e sentimentos próprios e, ao mesmo tempo, validar que um mesmo fato pode gerar inúmeros pensamentos e sentimentos diferentes, tanto na própria pessoa como em outras.

Sabemos que uma vida que não pertença ao todo não existe; entretanto, em muitas oportunidades, vivemos como se pudéssemos viver uma vida separada do todo. Não poucas vezes esquecemos que necessitamos de um mundo onde assentar os pés, de uma humanidade que nos transmita seu saber, de uma natureza que nos permita sobreviver. A busca de uma felicidade pessoal é uma ilusão, já

que a realidade é uma só, total, inseparável. A reversibilidade nos permite entregar-nos ao presente sem perder consciência de que, em cada instante, estamos incidindo no todo, porque formamos parte do todo.

Quando alcançamos uma compreensão espiritual buscamos aplicá-la em nossa vida. Uma dificuldade que encontramos neste intento é que a vida não se apresenta como um caminho plano, mas com altibaixos. O que em um momento é uma ideia clara e luminosa, que nos impulsiona para frente, em outro momento pode tornar-se difusa, escura e não encontrar eco em nós. A atitude de fixação em nosso centro interior ajuda-nos a superar esta dificuldade porque nos permite reconhecer, nos altibaixos anímicos, as flutuações próprias da vida. Aprendemos a não nos deixar levar por elas e a preparar-nos para vê-las chegar e vê-las passar. O amor, esta força poderosa que amplia nosso sentido de responsabilidade, não nos deixa ceder às mudanças anímicas, a essa corrente que quer nos arrastar, porque sabemos que estaríamos desperdiçando a força da vida e afetando desfavoravelmente a outros. Pouco a pouco os altibaixos anímicos perdem impulso e nosso ânimo vai se nivelando. Longe de ser indiferentes às situações que se apresentam, reservamos toda nossa sensibilidade e energia para buscar soluções úteis, saídas criativas, novas possibilidades. Paulatinamente vamos adquirindo fortaleza, serenidade, solidez. É desta forma que o trabalho interior de Presença faz dos Filhos e Filhas um refúgio nas tormentas e a um apoio nas comoções.

Outras vezes o impedimento para avançar em nosso caminho é uma força que começa como um impulso nobre de oferecer-se, de servir, de ajudar, de entregar os próprios conhecimentos, mas que, em um dado momento, desvia-se para tornar-se um meio de afirmação pessoal. Se não estamos muito atentos, o impulso de participar pode nos levar, imperceptivelmente, a ficar encantados pela obra que fazemos. Se isto nos ocorresse, não ultrapassaríamos essa prova quando, por qualquer circunstância, nos chamassem a deixar o que realizamos. Possivelmente isso nos levaria a responder com uma onda de indignação, ou com uma queixa, ou com desânimo, por interpretar que não somos reconhecidos ou apreciados. Isto não ocorre se conseguimos manter-nos em uma atitude de participação. Neste caso, nenhuma mudança altera nossa disposição, porque o que buscamos é oferecer-nos e nada pode pôr um limite ao que estamos dispostos a dar de nós mesmos. O objeto de nossas preocupações é circunstancial. O amor que demos, continuamos dando-o, nada o detém. Cada minuto e cada lugar é uma nova oportunidade para dar-nos, já que não fazemos diferenças em nossa oferenda: um recém-nascido, um malfeitor preso ou um enfermo, todos se beneficiam com um pensamento de amor.

Também pode ocorrer que a nossa mente, a luz que temos para discernir e para que nos leve a escolher com prudência e sabedoria, transforme-se em nossa prisão e em um elemento autolimitante. Somente se mantemos nossa mente flexível, compreenderemos por reversibilidade e transcenderemos as limitações que o jogo de pares de opostos nos impõe. Integraremos os extremos, em lugar de mantê-los separados. Poderemos compreender diferentes pontos de vista, posições opostas, porque a atitude de reversibilidade nos leva a abraçar o todo, a incluir todas as partes. Não entraremos em discussões, senão que procuraremos enriquecer uma ideia com a contribuição daqueles que têm ideias diferentes. Por outro lado, a flexibilidade mental, ao levar-nos a uma atitude integradora, afasta-nos do hábito de fazer críticas ou de julgar os outros. A Reversibilidade nos permite reconhecer as diferenças e, ao mesmo tempo, amar sem fazer diferenças.

A busca de um salto em nosso desenvolvimento não é uma forma de estar na corrida do sucesso ou de conseguir mais um prêmio. É a resposta à necessidade de mitigar a dor que há no mundo. Acreditamos que o amor aliviará o sofrimento; por isso sentimos a necessidade de expandi-lo. Isto requer de nós orientar de maneira constante nossa intenção, nossa atenção e nossa vontade em direção ao objetivo final que nos propusemos. Tenhamos presente que a chave de ouro de todos os nossos esforços para desenvolver-nos é a perseverança. Oremos para que esta força nos acompanhe até o final.

Abnegação e confiança

Décima Quinta Ensino

Extrato da Alocução de Abertura 2013

Reflitamos sobre dois conceitos que considero fundamentais para o trabalho espiritual que temos de realizar: a abnegação e a confiança.

Se bem que poderíamos dizer que não se costuma usar hoje em dia a palavra abnegação, para nós ela tem um grande significado e atualidade: abnegação, isto é, negar-se a si mesmo, esquecer-se de si por uma causa transcendente é fundamental para cumprir o compromisso que assumimos livremente. Nesta atitude se reflete nosso amor às almas, à Obra de Cafh, à humanidade. Recordemos que é a primeira das três palavras que escutamos em nossa consagração como Ordenados e Ordenadas, quando nos foi entregue a capa: “Isto é símbolo de abnegação, sacrifício e renúncia”. A abnegação não só implica um sentimento, mas especialmente uma ação de alguém que não mede esforços em dar-se, que não pede para si porque é pleno na oferenda, que não se desanima com os contratempos porque não depende do circunstancial. Pensemos por um momento na história da humanidade. Todos os grandes seres que marcaram uma época em seu desenvolvimento refletem esta atitude. Pouco se pode fazer verdadeiramente para o bem das almas sem abnegação.

Outro elemento de suma importância para os temas que trataremos nas deliberações é a capacidade de gerar confiança. Para gerar confiança em outros, temos que gerar esta confiança em nós mesmos e na missão que nos toca cumprir. E isto é algo que podemos construir e fortalecer entre nós. O dicionário apresenta várias acepções da palavra confiança. Seria maravilhoso que pudéssemos edificar sobre a acepção que a define como o ânimo, decisão ou coragem para atuar ou como a segurança em si mesmo, em nossas próprias qualidades, mais do que sobre a acepção que a define como familiaridade no trato. Para mim a confiança é muito mais que a familiaridade no trato. É a capacidade que desenvolvemos pessoalmente ou como grupo ou, em nosso caso, como Corpo Místico, de criar um ambiente de respeito e liberdade que dá lugar à individualidade de cada um. Isto permite que possamos nos expressar com liberdade, sem temer que sejamos marcados ou rotulados de rebeldes, fracos de caráter ou medrosos, por exemplo. As opiniões expressadas por cada Filho ou Filha são valiosíssimas, não importa quão diferentes sejam das dos demais. A confiança nos ajuda a não malgastar a energia que a Divina Mãe depositou em nossas mãos para cumprir a missão que, como Corpo Místico, temos que realizar. Fortaleçamos o vínculo que nos une através da confiança em nossos companheiros de caminho e em nosso potencial de oferenda para encaminhar-nos sem demoras para o cumprimento de nosso compromisso de amor.

O segundo tema que gostaria de tratar refere-se às Atividades de Extensão. Mesmo pecando por ser reiterativo, tomei a liberdade de insistir, nesta oportunidade, em algo que já expressei no ano passado a respeito destas atividades. Se bem que entre nós fomos dando forma e afinando o sentido que queríamos dar às Atividades de Extensão, necessitamos estreitar ainda mais sua função específica. Sem dúvida, é longo o caminho percorrido e grande a riqueza que esta experiência nos deixou. A todos nos beneficiou, já que tivemos que aprender a sintetizar as ideias, a dominar com maior precisão a técnica da meditação, a desenvolver a criatividade na hora de explicar as ensinanças. Em outras palavras, tivemos que aprofundar-nos em nossa doutrina para expor as ideias de Cafh a pessoas que não estão em nosso Caminho. Isto nos deixa uma grande ensinância que, por sua simplicidade, poderíamos passar por alto: para poder transmitir nossos bens interiores a outros, temos que alimentá-los primeiro em nós. Tem sido também muito importante o fato de que estas atividades têm sido realizadas com a participação de Filhos e Filhas das três categorias e até com o apoio entusiasta daqueles que ainda não emitiram os votos. Se bem que nem sempre é fácil conhecer e apreciar os esforços individuais, não podemos deixar de ver que, como grupo, demos um grande salto. Perdemos o temor de mostrar-nos como somos,

de abrir-nos à sociedade com liberdade e creio que, sobretudo, aprendemos a valorizar a singularidade de nosso caminho.

É importante que continuemos trabalhando neste aspecto, detalhando ainda mais o sentido e a missão das atividades de extensão. Recordemos que estas atividades se sustentam com a contribuição dos Filhos e Filhas, tanto em tempo e disponibilidade como com recursos econômicos. As Sedes –espaços fundamentais para realizar estas atividades– pertencem às Instituições que dão marco legal a Cafh. É fundamental, então, que utilizemos com responsabilidade estes bens, tanto os interiores como os materiais, para um claro objetivo: difundir a Mensagem de Cafh e identificar, entre as almas que se aproximam, aquelas destinadas para Cafh.

Tenhamos em conta que, quando dois ou três Filhos ou Filhas se reúnem em um lugar determinado, estabelece-se ali um ponto magnético da Obra de Cafh, um raio de estabilidade que se amplia com as almas que se põem em contato com ele. Se nos mantivermos conscientes disto, nunca veremos as sedes como meras posses materiais que podemos usar para qualquer atividade, mas como pontos onde a Grande Corrente se estabelece para irradiar. São raios de estabilidade destinados para que Cafh realize sua Obra espiritual e participam da vida interior de cada Filho ou Filha que ali reside, porque refletem seu trabalho de desenvolvimento espiritual. É por isto que temos de nos esforçar para que as sedes de Cafh se convertam em centros magnéticos que evidenciem a força espiritual que emana dos Filhos e Filhas que se reúnem ali. As sedes de Cafh irradiam quando nos circunscrevemos à ideia única, isto é, quando fixamos a intenção em cumprir a Ideia Mãe da humanidade que nos impulsiona a harmonizar nosso adiantamento pessoal com os valores universais que nos conduzem à união divina.

Ao circunscrever as atividades de extensão àquelas que expressem o pensamento de Cafh, que deem a conhecer a Ideia da Renúncia, que promovam o método, que difundam seus exercícios ascético-místicos e sua aplicação na vida diária, circunscrevemos nossa energia e nosso potencial de amor à realização da finalidade para a qual foram criadas essas atividades. Coloquemos ênfase no compromisso que assumimos de alimentar com toda nossa força a mais nobre intenção de trabalhar pelo desenvolvimento da Obra de Cafh. Não tenhamos dúvidas de que o resultado que daí se origine será tanto para nosso bem como para o bem e o adiantamento da humanidade.

Se bem que cada ser humano tem características comuns aos demais indivíduos que conformam a humanidade, também tem características que lhe são próprias e até únicas. O mesmo podemos dizer de Cafh. Tem características que são universais, isto é, que compartilha com outros caminhos. Mas dentro do universo de caminhos, Cafh tem também uma missão específica, própria, para realizar, que não é de nenhum outro caminho.

É necessário descobrir e ter presente a própria missão para poder cumpri-la cabalmente. Nossa missão como Filhos e Filhas de Cafh é levar a cabo a Obra de Cafh no mundo, isto é, desenvolver a Mística do Coração através dos meios com que nos brinda o Método de Cafh. Nossa missão implica alcançar a egoência, ou seja, alcançar consciência de nós mesmos e de nossa unidade com o todo e assumir de modo responsável o que essa consciência implica. Esta é a nossa singular missão e cumpri-la é o nosso compromisso. O fato de que nos ocupemos em realizar a nossa missão específica como caminho, de nenhuma maneira nega a abertura, a inclusão, a participação. Continuando com a mesma ideia, poderíamos perguntar-nos o que aconteceria se, por exemplo, um dos órgãos de nosso corpo se sentisse mal por ter que efetuar o trabalho específico que tem de cumprir, porque quer ser universal, não diferenciar-se, e não procurasse realizar acabadamente a tarefa para a qual está destinado. Cafh é parte de um todo maior, não há dúvida. Cafh não pretende cumprir todas as funções no grande corpo da humanidade, mas temos que dar a conhecer a missão de Cafh, seus princípios e fundamentos para que aqueles que sintam afinidade com essas ideias se incorporem a nosso Caminho que, em definitivo, é seu próprio Caminho. Cada um dos Filhos e Filhas há de ser uma referência do

Caminho de Cafh e proclamá-lo através de sua pessoa. Para isso tem que haver identificação, fidelidade, interdependência. Do contrário, o que espelhamos é um individualismo que nos leva a viver a ilusão de poder desenvolver-nos como algo separado, isolado.

O terceiro ponto que gostaria de mencionar é que necessitamos intensificar nossos esforços na busca de aspirantes. Para isso fortaleçamos nossa vida interior, que é o principal ímã que atrai as almas. Não se pode transmitir o que não se compreende e não se vive e não se pode escolher o que não se sabe que existe. O amor, a força que nos move a desenvolver-nos, assinala os passos que temos que dar para que o potencial que visualizamos se transforme em uma obra efetiva.

A força gerada por nosso desenvolvimento revigora o nosso caminho. O Corpo Místico de Cafh se renova de maneira constante e uma grande parte dessa renovação se origina na vivência da renúncia que cada um dos Filhos e Filhas de Cafh realizamos em nossa vida cotidiana. Quando nos acostumamos a assistir aos Filhos e Filhas das Távolas a nosso cargo, não é difícil perder de vista que nós, como Ordenados e Ordenadas, também temos que continuar realizando o trabalho de desenvolvimento em nós mesmos. Não esqueçamos que o privilégio de assistir às almas é um dom do qual temos que fazer-nos credores. Não aconteça que, de tanto dar conselho a outros, nós nos esqueçamos de pedir conselho para ajudar-nos a discernir com clareza como manter viva a chama de nossa vocação e assim não abandonar nosso trabalho de continuar desenvolvendo-nos.

O desenvolvimento espiritual não é um produto acabado, é um processo no qual estaremos imersos por toda a vida, ou todas as vidas, quem sabe! Não esqueçamos que na força que surge deste trabalho interior sobre nós mesmos, é onde obteremos a luz para ajudar os outros. Desenvolver-nos espiritualmente implica expandir nossa consciência, nosso amor e nosso sentido de responsabilidade. Este campo de possibilidades é o que atrai as almas, já que ao viver a renúncia mais além da ideia de sacrifício, aprendemos a gozar profundamente de seus efeitos em nosso ser. Produz-se uma amplitude de miras, de interesses, de objetivos e isto nos permite fazer vida a maravilhosa experiência espiritual de viver sem fronteiras. Esta expansão interior prazerosa é o que enamora as almas. Necessitamos gerar esta força para trabalhar pela Obra de Cafh no mundo, para que suas ideias possam chegar a todas as almas.

Como já mencionamos, o Corpo Místico de Cafh, como todo corpo, renova-se permanentemente para continuar vivendo. Dizemos que nosso corpo se renova; isto quer dizer que em cada instante parte de nossas células morrem e outras nascem; umas substituem as outras em suas mesmas funções, para manter a trama da vida humana. O Corpo Místico de Cafh também necessita seguir o mesmo processo contínuo de renovação. É por isto que é importante não esquecer nosso compromisso de não “poupar trabalho nem esforços” para buscar as almas destinadas para Cafh e de estimular os membros das Távolas nessa busca.

Diz nossa ensinança que todos os seres humanos são possíveis aspirantes à vida espiritual de Cafh, no entanto, na maioria das vezes fazemos a busca de aspirantes às escuras, sem sinais nem premonições. Aproximemo-nos das almas e compartilhemos a riqueza do caminho da renúncia sem preconceitos que nos limitem. Também nos esclarece que os Filhos e Filhas temos de dar à busca de almas um toque sobrenatural mediante a oração fervorosa. Usemos esta maravilhosa força para acender nas almas a chama da vocação.

Cafh é uma reunião de almas. Busquemos, então, as almas predestinadas para Cafh difundindo a mensagem de Cafh na sociedade; multiplicando nossos esforços individuais para conectar-nos com as almas na busca de aspirantes; sendo dignas referências do que o Método de Cafh realiza nas almas.

O Regulamento nos aconselha que cultivemos com amor a capacidade de comunicar-nos com as almas. Escutamos comentários de Filhos e Filhas que dizem que não têm aptidões para encontrar Aspirantes. Mesmo que haja quem tenha menos facilidade que outros para expressar-se, muitas de nossas limitações são autoimpostas. Talvez parte da dificuldade esteja na forma

como enfocamos o fato de comunicar para outros nossas ideias sobre o desenvolvimento espiritual. Se conversássemos da mesma forma como quando compartilhamos as ideias de um livro de que gostamos muito ou o tema de um filme que foi edificante para nós, seria muito mais fácil compartilhar algo tão integralmente bom como é a experiência de ter um caminho orientador e inspirador para toda a nossa vida, o qual dá coerência e sentido a todos os nossos esforços e experiências.

Quando vai ocorrer um nascimento em uma família todos se preparam para esse evento. Do mesmo modo, com um profundo amor e anseio de acolhê-los, aguardemos a chegada de novos integrantes ao Corpo Místico de Cafh. Assim como a mãe se dispõe cuidadosamente a acolher, alimentar e favorecer o desenvolvimento do novo ser, assim também temos que estar expectantes para dar boas vindas às almas que queiram ingressar no Caminho. Intensifiquemos nossas orações para criar o ambiente de afeto, paz e harmonia que encontrará a alma que chega ao grupo.

A busca de almas em Cafh não pressupõe “ganhar” prosélitos, mas reconhecer, entre as almas que buscam a sua liberação interior, aquelas que se identificam com a doutrina de Cafh, seu método e seu cerimonial e têm a disposição interior para assumir um processo de desenvolvimento comprometendo-se com um Voto. Despertemos nelas seu potencial de oferenda.

Confio que o trabalho que realizaremos nestas deliberações nos abrirá novas portas para fortalecer o trabalho que já vimos fazendo neste sentido.

Coerência com o anseio de desenvolver-nos
Décima Sexta Ensino

Alocução de Encerramento 2013

Em recentes investigações se descobriu um gene ao qual se atribui a faculdade de potencializar nos seres humanos a necessidade de procurar ir sempre mais além do alcançado, conhecido ou descoberto até esse momento. É a força que impulsionou a um Marco Polo a ir ao Oriente, ao Buda a buscar conhecer a causa última do sofrimento, aos desportistas a superar suas marcas, aos cientistas a investigar a matéria, aos astrônomos e astronautas a incursionar mais além da Terra. Que faz com que arrisquemos, em ocasiões, até a própria vida, para superar limites uma e outra vez? Por que não ficamos onde estamos, no mundo cômodo, mais seguro e conhecido?

De acordo com a ensinaça de Cafh, a Ideia Mãe que orienta nosso destino como humanidade imprime em nós uma força que nos impulsiona a superar nossos limites. Reconhecemos que essa força é a que aflorou em nossa alma e nos levou a nos comprometer para dar um sentido transcendente a nossa vida. Não é casualidade que todos os Filhos e Filhas de Cafh demos um Voto e que muitos de nós demos o passo de comprometer -nos à perpetuidade. Como colaborar, então, mais ativamente com esta maravilhosa capacidade humana que a Ideia Mãe imprimiu em nosso ser, para ir mais além na exploração de nosso mundo interior e deixar de repetir as mesmas reações e respostas de sempre?

O anseio de ir mais além do conhecido para descobrir o sentido de nossa vida tomou tal força que nos levou a buscar um caminho e a nos comprometer a realizar um esforço para esclarecer esse sentido. Se pensamos que desenvolver-nos espiritualmente, expandir nosso amor, é algo a que vale a pena dedicar a vida, não deixamos esse pensamento como uma possibilidade, mas buscamos concretizá-lo. Para isso selamos em nosso interior um compromisso com a palavra que damos. As cerimônias em Cafh são muito simples; entretanto, não creio exagerar ao dizer que em todas elas as palavras cobram uma impactante relevância. Desde o princípio fica impresso em nossa alma o valor da palavra e o que implicitamente nos exige: coerência.

A necessidade de ter presente a vocação de renúncia, de oferenda de nós mesmos, nos levou a adotar um método que nos ajude a viver com coerência. Este método não é um conjunto de normas impostas, senão um modo que escolhemos de trabalhar sobre nós mesmos de maneira ordenada e sistemática. Quando nos identificamos com o método, este nos conduz a eliminar as incoerências com as quais geralmente vivemos. Por exemplo, a de dizer que devemos ser transparentes mas não aceitar que nos mostrem nossas falhas e nos escudar atrás de uma imagem irreal de nós mesmos; ou falar de nosso ideal espiritual de amar e estar a serviço das almas, mas viver absorvidos por nossos interesses pessoais.

Podemos acreditar que somos conscientes destas contradições, mas nem sempre é assim. Costumamos dar-nos razões para proceder como procedemos e dessa maneira encobrimos nossa falta de coerência. Na linguagem corrente, quando dizemos que alguém fala incoerências entendemos que fala de coisas que não têm relação entre si, o que torna impossível seguir o fio da conversa dessa pessoa. Algo similar ocorre em nosso proceder quando não somos coerentes. Não há um fio condutor, não se sabe aonde vamos porque não temos uma linha de conduta clara. Frequentemente pensamos ou fazemos algo positivo, mas logo o anulamos com uma ação contrária. Isto ocorre, por exemplo, quando pretendemos dar uma ajuda desinteressada a alguém e depois reclamamos porque não nos ajuda ou não nos expressa seu agradecimento; ou quando pensamos que é importante meditar todos os dias, mas não somos consequentes com esta prática; ou quando dizemos a alguém que o desculpamos por nos haver ofendido, e em seguida o recordamos a cada momento o que nos disse e quanto nos desgostou.

Uma pessoa é coerente quando reflete em seu proceder o que sente e pensa. Tomemos alguns princípios que Cafh nos assinala para construir uma vida que seja coerente com nossa vocação de

renúncia. Vejamos a seguir quais são as atitudes com as que às vezes respondemos e que necessitamos evitar ou superar para alcançar o desenvolvimento que desejamos.

Analisemos a coerência de nossa palavra com nossa vocação de renúncia:

Um de nossos princípios é a não discriminação. Isto há de refletir-se em nosso trato e supõe falar a todos com a mesma amabilidade e respeito. No entanto, comprovamos com frequência que, com as pessoas com as quais temos mais familiaridade ou trato mais habitual, nos damos licença para levantar a voz, responder de modo brusco, interromper ou não escutar com a devida atenção, dar ordens em lugar de pedir, mostrar- nos impacientes ou de mau humor.

O que nos move a superar a discriminação que nos mantêm separados, senão o desejo de alcançar um amor sem limites? Nos primeiros anos de seu desenvolvimento, na infância, o ser humano necessita separar-se e diferenciar-se para reconhecer-se como um indivíduo. Se não se compreende que esta é só uma etapa de nosso desenvolvimento e que há de ser transcendida, cai-se no individualismo. O momento atual nos chama a superar-nos e a alcançar a egoência, que nos permite reconhecer nossa individualidade sem perder consciência de que pertencemos a um todo maior. Temos vislumbres desta consciência de ser, mas sem dúvida, este é um grande campo de trabalho que necessitamos seguir desenvolvendo.

Entendemos que desenvolver-se implica trabalhar no conhecimento de si mesmo e valorizar a visão de outros para completar esse conhecimento com uma apreciação desinteressada e mais objetiva. No entanto, quando nos fazem uma observação ou nos assinalam um erro, como é difícil para nós não nos justificarmos; defendemo-nos com explicações, em vez de analisar o que nos dizem e ver como evitar o desacerto ou contribuir com o necessário para que a situação indesejável não se repita.

Valorizar a visão de outros para completar o conhecimento de nós mesmos implica humildade e agradecimento. A visão de outros é muito mais do que algo que pode ser interessante. Para o desenvolvimento de uma consciência de ser em permanente expansão, essa visão externa é indispensável, já que nos sensibiliza para o efeito que produzimos nos demais, reforça nossos valores e nos induz a trabalhar nossas debilidades.

Outro princípio é o esquecimento de nós mesmos que nos leva a desenvolver agradecimento por tudo o que a vida nos dá e a considerar que temos muito mais do que merecemos. No entanto, às vezes nos descobrimos com atitudes de cobrança e utilizando palavras com as quais demandamos de outros atenção, cuidados, vantagens ou privilégios. Também costumamos exigir de outros que mudem ou se adaptem a nossos gostos ou interesses.

O agradecimento nos reconcilia com a vida. Assenta-se na humildade e no reconhecimento do que nos transcende.

Analisemos a coerência do exemplo de nosso proceder com nossa vocação de renúncia:

Aprendemos que aquele que ama verdadeiramente não faz distinções: dá a cada um o que necessita para desenvolver suas possibilidades. No entanto, às vezes nos encontramos favorecendo aqueles com os quais sentimos mais afinidade ou aos que nos preferem ou lisonjeiam. Costumamos evitar a companhia de alguns e fazemos diferenças que justificamos por distintos motivos.

Outro princípio a considerar é realizar em nós mesmos o que queremos para o mundo. No entanto, se bem é certo que trabalhamos sobre nós mesmos, muita de nossa energia é gasta exigindo mudanças nos demais, ou mudanças nas condições que a vida nos oferece, ou no que consideramos que devem nos dar as instituições. Com frequência nos colocamos como críticos ou juizes de outros sem ver que temos as mesmas falhas que assinalamos ou outras sobre as quais necessitamos trabalhar.

O trabalho sobre nós mesmos nos mostra que é impossível sair de um mesmo círculo se não incorporamos algo diferente. Permaneceremos no âmbito de ação e reação a menos que

transmutemos a força que chega a nós e lhe demos uma orientação mais adequada. Este é um trabalho de consciência, amor e sacrifício que não se dá de per si. Temos que escolher fazê-lo.

Uma recomendação muito saudável do método nos diz que buscamos a companhia de quem mais nos custa aceitar. Isto nos beneficia, já que essa relação põe de manifesto nossas características sobre as quais temos que trabalhar. No entanto, tendemos a buscar a companhia daqueles com os quais nos damos bem e nos entendemos com facilidade; ou seja, o que não nos exige nenhum esforço. Não consideramos, por exemplo, que se temos uma mão infectada não nos ocorre rechaçar a mão, senão tratamos de gerar condições que possam restabelecer seu bom funcionamento como parte de nosso corpo.

Vemos que ninguém é aceito por todos e que muitas vezes há alguém que ama a quem a maioria rechaça. Pensemos em que todos necessitamos sentir que temos um lugar no coração da Divina Mãe como também no coração de algum ser humano como Sua expressão sobre a Terra.

Analise a coerência de nosso anseio de dar-nos, com o modo com o qual concretizamos esse anseio.

Aprendamos que a oferta de vida implica viver o presente e que devemos considerar o passado como uma riqueza, uma fonte de aprendizagem e nunca como um peso. No entanto, há vezes em que fazemos do passado uma fonte de lamentos e amargura pelo que nos coube sofrer ou pelo que não foi, ou que não pudemos fazer. As oportunidades que imaginamos que não tivemos são causas de ressentimento em relação à vida, em relação aos nossos pais e irmãos, em relação ao país ou ao momento histórico em que nos desenvolvemos. Em lugar de tirar proveito de cada momento vivendo-o com plenitude, pensamos que nossa vida teria sido muito melhor se as condições tivessem sido diferentes.

Submergir-se nas profundas águas do presente é enfrentar a possibilidade real de oferecer-se. Somente nós somos responsáveis pelas respostas que livremente podemos escolher dar. Não há outros responsáveis pelo que pensamos e sentimos porque somos essencialmente livres.

Nosso caminho, que é de renúncia a nós mesmos, nos leva a pensar em dar mais do que em receber. Faz-nos conscientes de que, se necessitamos algo, o procuramos ou o pedimos, mas não o reclamamos como um direito. Nossa mística de participação não nos permite pensar que temos direito a algo se não o têm todos. No entanto, com muita frequência nos esquecemos de que a maioria das coisas que temos e desfrutamos estão longe de ser acessíveis para todos os seres humanos e que somos privilegiados porque já temos mais do que necessitamos.

A participação é real e nos une a todas as almas quando não tomamos mais do que o necessário para cumprir cabalmente com nossa missão.

Outra atitude que aprendemos a desenvolver é de não buscar competir, sobressair, figurar ou constituir-nos em centro de atenção. Também aprendemos a reconhecer que quando cremos dar algo em realidade tão somente estamos devolvendo uma ínfima parte do que recebemos. No entanto, costumamos cair na tristeza se não se lembram de nós, se não nos dão o reconhecimento que esperamos, se não mencionam a obra que fizemos ou ninguém diz que uma ideia exitosa foi nossa.

Uma ensinança de grande riqueza para nossas vidas é a de ser plenos com o que temos; isto nos leva a desenvolver os próprios bens. No entanto, pode ocorrer que nos descubramos comparando ou desejando o que têm ou recebem outros.

Outro aspecto que vale a pena ter em conta é que nenhum logro é inteiramente nosso já que muitos contribuíram para torná-lo possível. É bom pensar que quando as coisas saem bem é porque deixamos que a Divina Mãe opere através de nós. No entanto, às vezes ocorre que nos esquecemos as ajudas que recebemos e nos atribuímos todos os méritos do caso.

Somos orientados a colocar todo nosso interesse e vitalidade em qualquer tarefa que desempenhamos e a procurar fazer o que é necessário em vez de o que satisfaz nossos gostos ou preferências. No entanto, nem sempre mostramos boa disposição para fazer algum trabalho necessário e esperamos que outro o faça. Nem sempre tomamos em conta que, se não o assumimos nós, recairá sobre outro.

Poder-se-ia pensar que tudo o que acabamos de dizer responde a uma forma de dirigir a conduta das pessoas para evitar conflitos e alcançar uma convivência harmônica. Não tenho a menor dúvida de que a prática das atitudes de coerência com a vocação de renúncia que mencionamos nos permitiriam evitar muitos conflitos e nos levariam a alcançar uma convivência harmônica. Não obstante, não são estes os nossos objetivos senão alguns de seus resultados. Nosso objetivo é liberar-nos espiritualmente para alcançar a União com a Divina Mãe. As atitudes que descrevemos como exemplos de coerência com nossa vocação são resultados da prática continuada da ascética da renúncia e da mística do coração, que é nosso caminho em direção a essa união. São expressões da ascética da renúncia porque refletem o esforço por aprofundar o conhecimento de nós mesmos para conseguir desenvolver-nos e ser úteis à Grande Obra. E são expressões da mística do coração porque refletem o amor e o compromisso responsável que nos movem a realizar esse esforço.

Demos um sentido cada vez mais expansivo e inclusivo a nossa existência ao perseverar nesta generosa oferenda de vida.

© 2013 Cafh
Todos os direitos reservados